



PROGRAMA JOVEM MONITOR/A CULTURAL (PJMC)



ESCRITOS E IMAGINÁRIOS





ESCRITOS E IMAGINÁRIOS II

PROGRAMA JOVEM MONITOR/A CULTURAL (PJMC)

Instituto Pólis, 2016

Escritos e Imaginários II

Realização Instituto Pólis

Apoio

Centro Cultural da Juventude (CCJ)

Ação Educativa

Coordenação Editorial, Edição e Revisão

Hamilton Faria, Valmir de Souza e Wanda Martins

Programa Jovem Monitor/a Cultural - PJMC, 2016

Organização

Valmir de Souza e Equipe do PJMC

Equipe de Produção

Andreia Alves, Altair Moreira, Beatriz Soares Benedito, Bruna Mantese, Dayane Rodrigues, Hamilton Faria, Iraci Oliveira, Janaina Santana, Jandilson Vieira, Keide Fernandes, Laura Juliana dos Santos, Leandro Noronha da Fonseca, Luiz Barata, Marcelo Freitas, Martha Lemos, Pollyanna Rocha, Tania Maria Maselli, Valmir de Souza, Wallace Augusto Nunes (Guto Nunes), Wanda Martins

Fotos da exposição

Leandro Noronha da Fonseca

Projeto gráfico e diagramação

Silvia Amstalden

Agradecimentos

Secretaria Municipal de Cultura/SP, Centro Cultural da Juventude Jovens monitores/as do PJMC, Equipe Pólis do PJMC, Equipe Ação Educativa do PJMC

Autores/as

Alana da Silva Queiroz, Aline Lacerda Foch, Amanda de Andrade Neves, Ana Paula, Ana Paula Kikuti (Bubby Fernandes), Andréia Cruz, André Binelli, Angelica Taize Silva (Angel), Ariadne Moraes, Artur Figueroa, Beatriz Santos Andrade Araújo, Bernardo Jorge Mariano da Silva, Caio Felipe Sousa Lima, Camila Martins, Carolina Matias, Carolina Poma Rossi, Cinthya Felix de Souza, Daniela Costa, Denis Sabino, Diego Lopes Santos, Elivelton Fernandes, Esther Rodrigues, Fani Trindade, Felipe Rogério, Fernanda Chagas, Fernanda Dias, Gabriela Alvim, Giovanna Perez Altieri, Gisely Alves, Gustavo Lion, Ione Maria, Jeferson Carvalho, Jennifer Oliveira, Jeniffer Rebeca de Melo Sival, Jhennifer Thais Peguim, Juan Pablo Miranda de Souza, Juliana La Bella Simonetti, Juliane Lima, Kamila Oliveira, Karoline Alves de Araujo, Larice Barbosa, Luis Henrique Baccarini, Manuela Tavares, Melissa Morita Borjkhani, Moisés Mendoza, Mônica Conceição da Cunha Oliveira, Nancy Teixeira Feliciano da Silva, Pedro Caldeira de Carvalho, Rafael Guerche, Rivaldo Soares, Rodrigo Di Fabio Nascimento, Rodrigo Ramos Silva, Samuel Silva (codinome PBL), Silas Donato, Tauani Passos Santos, Teodoro Albuquerque, Thaís Fernandes, Thiago Sabino Torres (Yak), Ueliton dos Santos Alves, Vinicius Borges, Vitória Sayuri Mine, Willian Marques

SUMÁRIO

ESCRITOS 9

VÁRIOS ESCRITOS 10

JUAN PABLO MIRANDA DE SOUZA SILVA (PBL) 9

ARIADNE MORAES 10

SAMUEL SILVA 12

ELIVELTON FERNANDES (BIG) 13

FERNANDA DIAS 14

BERNARDO JORGE MARIANO DA SILVA 17

MANUELA TAVARES 18

ALANA DA SILVA QUEIROZ 21

ESTHER RODRIGUES 22

VINICIUS BORGES 24

RAFAEL GUERCHE 26

THIAGO SABINO TORRES (YAK) 29

CAIO FELIPE SOUSA LIMA 30

BEATRIZ SANTOS ANDRADE ARAÚJO 32

GIOVANNA PEREZ ALTIERI 34

DENIS SABINO 36

ANA PAULA KIKUTI (BUBBY FERNANDES) 37

THAÍS FERNANDES 38

FANI TRINDADE 39

ANGELICA TAIZE SILVA (ANGEL) 40

JULIANE LIMA 41

FELIPE ROGÉRIO 42

MOISÉS MENDOZA 43

JENNIFER OLIVEIRA 44

CINTHYA FELIX DE SOUZA 45

NANCY TEIXEIRA FELICIANO DA SILVA 46

JHENNIFER THAIS PEGUIM 47

DIEGO LOPES SANTOS 48

SILAS DONATO 50

TEXTO COLETIVO 52

AMANDA DE ANDRADE NEVES 56

RODRIGO RAMOS SILVA 58

TEODORO ALBUQUERQUE 60

RIVALDO SOARES 61

DIÁRIOS DE BORDO 63

GISELY ALVES 64

MÔNICA CONCEIÇÃO DA CUNHA OLIVEIRA 66

RODRIGO DI FABIO NASCIMENTO 68

CAROLINA MATIAS 70

DANIELA COSTA 72

KAROLINE ARAUJO, WILLIAN MARQUES 74

PEDRO CALDEIRA DE CARVALHO 78

IMAGINÁRIOS 83

LARICE BARBOSA 84

CAROLINA POMA ROSSI 86

ANDRÉ BENELLI 88

VITÓRIA SAYURI MINE 90

KAMILA OLIVEIRA 92

ANA PAULA PINEZ 93

ALINE LACERDA FOCH 94

JEFFERSON CARVALHO 96

GUSTAVO LION 98

ARTUR FIGUEROA 100

RODRIGO RAMOS SILVA 101

CAMILA MARTINS 102

FANI TRINDADE 103

GABRIELLE LADEIRO 104

WILLIAN MARQUES 105

IONE MARIA 106

UELITON DOS SANTOS ALVES 107

TAUANI PASSOS SANTOS 108

ANDRÉIA CRUZ 109

JULIANA LA BELLA SIMONETTI 110

MELISSA MORITA BORJKHANI 111

GABRIELA ALVIM 112

ANGELICA TAIZE SILVA (ANGEL) 113

EXPOSIÇÃO: CULTURA, JUVENTUDES E IDENTIDADES 114

APRESENTAÇÃO

Os *Escritos e Imaginários* aqui presentes são fragmentos do que são e produzem algumas e alguns jovens do Programa Jovem Monitor/ a Cultural. Esse conjunto de produções desvela de modo poético visões de mundo, percepções de si e dos outros. Estamos diante de produções que são também transbordamentos do que veem, são e apreendem – *poesia é movimento, contribuição; poesia não termina; poesia não cala.*

A presença em campo nos aproxima das realidades dos equipamentos culturais, das e dos jovens e nos deparamos também com alguns desafios. Mantemos o empenho de aliar as complexidades encontradas na atuação e seus potenciais criativos. Durante as visitas aos territórios nos vemos diante de falas, escritos e imaginários tocantes, tais como os aqui presentes – *acordei pra perceber e olhar em volta que eu estava escondido, enrolado em mim.*

Por esse processo de formação que compreende o programa e que abarca conceitos como cidadania cultural e produção cultural, lidamos também com o fato deles serem possibilidades reais de prática. A colaboração para esses entendimentos, para muitos – considerando limitações do modelo da educação tradicional formal – só é possível através deste programa. Agimos em conjunto com o núcleo pedagógico, para que as e os jovens monitores saiam da zona de conforto. Para que retorçam as arestas das caixas, perante a pluralidade do significado de juventude, em oposição ao esvaziamento a ela por vezes atribuído – *e já avisava a poeta Elizandra “vai mudar o placar”.*

Escrever é editar. Editamos o que somos. Editamos o que escrevemos. Somos, imaginamos e escrevemos. Sem esquecer o poder da imagem, quem desenha ou fotografa cria literatura para o olhar.

Estamos diante do olhar, da percepção, da apreensão, da sensibilidade para questões que estão dentro e fora de nós. Falando sobre identidades, resistências, questionamentos e enfrentamentos, as poéticas das e dos jovens monitores reverberam – *na ponte coração-caneta-papel.*

Day Rodrigues é produtora cultural, educadora e feminista negra.

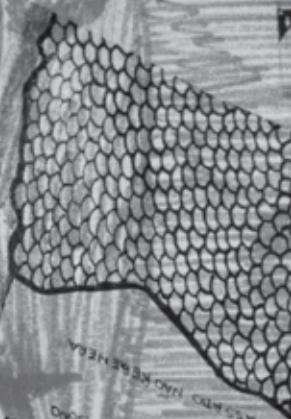
Laura Juliana Alberto é professora, estudante de Educomunicação e feminista negra.

razões

SIM



EXPLICAÇÃO
CAPITULISTA



DEBATE DO RESERVA
QUE A VA MONTE DE
E DOUTEM FIDEL
ENTÃO HOJE SE MONTE MOBIL
COM QUE NO MEIO DO SUDO
TÁ
PASSADO JÁ MONTE BEM

NÃO!!!
ão?

Algumas mulheres não têm útero, vagina,
são "femininos". Mas todas as "pessoas"
se namoram com vagina são designadas
mulher, e desde o nascimento sofrem
inúmeras violências por algo que sequer
podiam opinar. Por que será?

mulher
TODOS
compõem
fazem com
achados
de não com
como MULHER

Questionamentos
preveçam crises e
crise significa
momento!

É

Por que é
nos limitam
onde a guerr



" não se mova linear enquanto
1 mulher ainda tiver

ALGEMAS

Cada
direito
dignid



VÁRIOS ESCRITOS

MEU AVÔ ERA
VÃO SEI DE ONDE
VOCÊ NÃO () É NEGRO... MORTEVINHO
ASSIM ESCURINHO
DESENTE RROU ISSO

TIRA QUE ME TIRA

JUAN PABLO MIRANDA:
DE SOUZA SILVA (PBL)

Eles apontam o cano e perguntam: cê tem passagem do que?
Eles apontam o cano e perguntam: aí neguinho cê quer morrer?
Eles apontam o cano e perguntam: cê tem passagem do que?
Eles apontam e se essa é a conduta... Não quero pra me proteger!

Tô sempre na mira, do tira que me tira
Que faz sua injustiça na própria lei que aplica
Me faz culpado, me julga e sou condenado
Se não tem prova ele monta e cria os fatos

Abafa o caso, sou sujeito a ficar calado
Mas sou sujeito homem e exponho os fatos
Que são verídicos e críticos e não adianta negar
Que atitudes sujas como ratos vêm pra atrasar

Quer me manipular com seu jogo de perguntas
Já foi preso por engano? Vê se serve a carapuça
Generaliza o povo periférico como suspeito
Vem com arrogância te devolvo em arte com estilo do gueto

Respeite pra ser respeitado somos todos seres humanos
Farinha do mesmo saco, mas não vou passar um pano
E se perguntar pra que todo esse estresse
É que se não fosse o conceito distorcido não teria feito esse rap

Eles apontam o cano e perguntam: cê tem passagem do que?
Eles apontam o cano e perguntam: aí neguinho cê quer morrer?
Eles apontam o cano e perguntam: cê tem passagem do que?
Eles apontam e se essa é a conduta... Não quero pra me proteger!

Juan Pablo Miranda de Souza Silva. Rapper paulistano conhecido como Codinome PBL, nasceu no dia 07 de fevereiro de 1991. Rimador de Rap, Poeta, Grafiteiro nas horas vagas, Videomaker, Beatmaker, Produtor independente no EmbDEsc, Produtor cultural independente na cena Hip-Hop no Coletivo P3V e Jovem Monitor Cultural no Teatro Flávio Império.

PARA QUE CONSTE NOS LAUDOS

ARIADNE MORAES

Há de se entender
O meu anseio em escrever
Sem precisar sair bonito.
Há de se entender
O alívio que dá
Na ponte coração-caneta-papel
Onde o primeiro, de tão cheio, chega a transbordar.

Ora, os acadêmicos hão de me perdoar
Se o Eu lírico não se faz tão presente,
Hei de concordar.
Se as rimas não são o bastante
E a estrutura não é completa
Entenderão que não sou poeta,
Poetisa ou algo que o valha.
Meu medo me corta feito navalha
E sangro em palavras pra não me afogar.

Mas se em tudo que existe há poesia,
No meu medo há poesia;
No meu sangue há poesia;
Sou toda poesia
E por isso não vou me desculpar.

QUARTA FEIRA

ARIADNE MORAES

Morreu.
Morreu brincando,
E a morte foi o nada depois dali

Previ
Se contorceu, balbuciou, vomitou a vida
E eu assisti

Não souberam das bocas que beijou,
Das frutas que provou,
Quanto sabiam seu nome,
Ou do que era sua fome

Pouco importou sua história
Vivo era corpo faminto
Morto, com sorte, é memória.

Ariadne Moraes. Filha da Ana, de Vênus, da terra e, quem sabe, das águas doces e do ouro também. Estuda; qualquer estudo. Trabalha; qualquer trabalho. Se alimenta de tudo que for alimento. E na nossa contagem do tempo, coleciona 23 outonos. Anda na fase de crescimento interno, então pode já não caber confortavelmente nas vestes, nas ideias e nos quereres de ontem. Mas nunca coube 5 linhas ou aprendeu a escrever biografias. Jovem Monitora na Casa de Cultura M'Boi Mirim

A DOAÇÃO... A-DOR-AÇÃO!

SAMUEL SILVA

Eu fui me doando, doando, doando, acabei adoecendo...
A-dor-ecendo tanto que não aguentei
Fraturei, chorei, lamentei, me embrulhei, doei, doei... doeu!
“Do-eu” te amo, eu errei.

Me doe ao menos um pouco dos seus olhos verdes
Preciso “ver-de” verdade como enxerga as cores
Porque meu COR-ação dispara com o VERDE dos seus olhos.

A intenção era boa, mas agora é tarde, pareço irônico
Antes de me doar, deveria ter avisado que sou daltônico.

Que tenho problemas com cores, com dores, com amores
Com consciência, paciência, persistência, doença...
Agora estou acabado, frustrado, derrotado... Coitado do Retardado
Que pegou carona no COR-ação errado.

Samuel Silva. É músico, skatista e poeta amador. Atua como Jovem Monitor Cultural no Núcleo de Cidadania Cultural pelo 2º ano. Estuda Gestão de Políticas Públicas na ETEC Cepam e formado em Técnico em Informática pela ETEC Lauro Gomes. Está continuamente produzindo: músicas, pesquisas, textos, e por que não poesia.

RELEMBRANDO*

ELIVELTON
FERNANDES (BIG)

Sangue negro nordestino Black Panthers a Lampião,
Meus hinos de batalha de Gonzaga a Jamelão.
Minha cor é africana muito orgulho em cada traço,
Desvendo minha história tipo código binário.

Do toque do tambor a energia que emana,
Eu trago os orixás das nossas forças africanas.
Desde tempo da senzala a resistência está aqui,
Estamos vivos nessa luta os soldados de Zumbi.

Das histórias esquecidas revivemos nossos iguais,
Não citam nossos heróis da guerra do Paraguai.
Esconderam nossas histórias reduzindo tudo a pó,
Porque somos filhos reis, imperadores e também dos faraós.

* Letra de música

FORAM 33, COVARDEMENTE

FERNANDA DIAS

.....

faço minha prece a todos os orixás
ao descer do ônibus,
sempreeee a mema aflição. a mema conduta, o memo olhar atento. e
na cabeça só uma ideia:
“mãezinha, que a de hoje não seja eu, que a de hoje não seja eu”
mas aí, na moral, não era pra ser ninguém. e cês tão ligado
irmã, dói muito pensar na sua dor. pensar que foram e são mais de
30. lembrar as manchas, seu olhar turvo, a confusão mental...
procuro seu semblante, seu corpo machucado – não encontro nada!
como vou te carregar pra fora daqui? como vou prometer que vai
melhorar, que as marcas vão se apagar?
- se nas ideia, só vem uma coisa: a cada 11 minutos, UMA
ontem foram 33 pra UMA e a ferida não sara,
o sangue não estanca.
nossos corpos sagrados tão sendo violados
por quê?
tira o batom, põe outra roupa, não beba, atravesse a rua. e memo
assim cê vai continuar insegura.
porque a culpa não é sua, mana. ensinaram os mulequinhos a
estuprar. não aceitar “não” como resposta, insistir, forçar, “no fundo
ela quer!”, “todas querem”.
E A PIADA MACHISTA, AINDA É ENGRAÇADA!
ninguém breca os amigos nas rodinha. porque se é da banca é “mlq
bom e a mina mereceu”,
mas todo mundo continua odiando os jack. jurando que na
quebrada de vocês é “pokas!” papo de quebrar as mãos, arrancar o
saco, dar tiro no pé.
só que não é de hoje que nois flagra que tem bem mais de 30 pra
passar pano!
e ainda tem mano que se excita e fica instigado,

cês têm nojo? mas a porra da comoção de vocês não altera o jogo!
e quem passa pano é jack tbm! CERTO?
então não vem se doer quando a gente disser que qualquer macho
é um estuprador em potencial, porque enquanto vocês ficarem em
cima do muro, nossas mortes seguem financiadas por vocês, que se
dizem muitas vezes nossos parceiros.
e óh, abuso não é só meter na buceta cá mina desacordada, o puxão
de cabelo na baladinha top, a passada de mão sem consentimento,
a chantagem emocional quando sua companheira não quer transar,
tudo isso é sangue de mulher na mão de vocês.
que comeram bem, “que passaram o trem”, que vão dizer é gostosa e
que é putinha.
MANO, SE LIGA! NÓIS TÁ CANSADA DE APRESSAR O PASSO!
mas do sangue eu e as minhas renasceremos,
nossas ancestrais vão nos guiar
e nessas estradas, pode pá Ba Kimbuta, Iansã encontrará com Nzinga
nunca mais seremos pro teu deleite,
tomaremos a palmatória, cortaremos tudo aquilo que nos ferir.
não daremos a luz a usurpadores de corpos femininos.
ABORTAREMOS todos vocês.
e podem trazer de volta as fogueiras, dizerem que estamos loucas,
insandecidas. porque sim, na verdade a gente quer beber o sangue
de vocês.
não relativizem os fatos,
eu não vou chamar a polícia.
eu não quero a sua paz,
o seu “mas nem todo homem” não vai nos deslegitimar
ou soma ou some!
porque também somos mais de 30 lavadas nas águas de Odoiyá!
“pra cada uma, MIL”
MIL homens, sem falo, sem fala.

REI DO NADA

BERNARDO JORGE
MARIANO DA SILVA

Sou dono do enfim
Sou dono do porém
Sou parte pública de mim
Sou privado de alguém

Sou chefe da minha alma
Sou líder do meu coração
Sou graduado em me pedir calma
Sou formado em não ter direção

Sou presidente de uma nação esquecida
Sou governante de um corpo fechado
Sou famoso na mídia desconhecida
Sou o astro em um mundo arrasado

Sou paixão, amor e loucura
Sou luxúria, desejo e fachada
Eu sou o sol de pele escura
Sou o famoso Rei do Nada.

Bernardo Jorge Mariano da Silva. 20 anos (11/04/1996), nascido e criado na cidade de São Paulo, bissexual, negro, periférico, sonhador, criativo, um pouco maluco e triste de segunda a sexta e totalmente normal e risonho nos fins de semana. Estou me descobrindo a cada dia que passa, estou me encontrando a cada virada de calendário, talvez eu me ache por aí, só não sei se vou me reconhecer... Jovem Monitor no Teatro Alfredo Mesquita.

ESCRITAS SOBRE DESESPEROS E SOLUÇÕES

MANUELA
TAVARES

Eu vivo essa alegria, mas ela mesma me consome.

Não sei se estou mais perdida ou mais certa do que quero.

Algumas atitudes desconexas me fazem acreditar que eu estou cada vez mais anestesiada perante a realidade.

O que seria a realidade do momento?

Sim! Seriam aquelas tantas coisas que te afaga a alma desde os 12.

Nunca pensei que o certo seria mudar atitudes, talvez pensasse, mas não queria admitir o fato.

São nesses dias estranhos, gelados e cinzas que eu me sinto tão pequena, limitada e sem perspectiva.

Sim! Esses dias não são comuns pra você, na maioria dos dias você está bem, feliz, sente-se uma gigante capaz de tudo!

Mas será que por odiar tanto ficar assim meio tristonha, você acaba mergulhando até o portal que te leva pra esse outro ser inabalável e extremamente satisfeito? Esse tal portal é um refúgio? E esse refúgio é pra quê? Talvez eu nunca fosse entender ou parar de buscá-los.

É um refúgio, mas todo refúgio te esconde de algo que você precisa

lidar... sigo nesse dia certa que terei que destruir alguns dos meus,

que geralmente são lugares confortáveis onde meus amigos e amores estão sorrindo a me esperar...

Você sonha com o mesmo gozo de quem realiza, isso é lindo, você se acredita e vai se dar muito bem! Amo você menina, eu amo ser você.

Minha mãe e meu pai.

Meus pais são pessoas especiais, não cultivaram nenhum preconceito em nossa casa.
São pessoas inconformadas, por isso nós que vivemos com eles ficamos assim,
Sangue fervente e coração brando!

"Arara azul invade o bloco de carnaval e bica foliã"

Loucura pensar em mergulhar em um rio profundo, doce, onde você nunca esteve, sem saber até onde vai o poder de querer tanto se entregar de corpo e alma a algo tão novo.
Sentir falta do seu cheiro, da sua voz, da sua orelha, boca, pé, nariz, barriga, costas, pernas, tudo!! É muita coisa pra gostar em alguém...
Dá medo!
Medo porque nunca antes foi assim... Mas aaaah como eu quis que isso me acontecesse.

Manuela Tavares, 20 aninhos de algumas fichas caindo e a certeza de que muitas ainda vão cair. Várias coisas pra conhecer e aprender, amo minha família e agradeço tudo a elas e a ele, minhas manas e meus amigos que estão comigo em busca dos sonhos, gosto de conversar e viver cada dia novas emoções! Orientadora comunitária, artista visual e o que pintar eu bordo! Ocupar e resistir sempre. Jovem Monitora no Núcleo de Casas de Cultura.

UMA MÚSICA: PIOR AMOR

ALANA DA
SILVA QUEIROZ

Vou contar uma história
sem começo e nem horário
um amor muito louco
sem nenhum itinerário
ela foi marcada a fogo
foi o que eu ouvi dizer
coração era de ouro
e queimou até derreter
tô tentando entender
tudo que ela sentia
bebia uma garrafa para cada alma vazia
e hoje ela nem lembra
do que ele te dizia
toda aquela velha história
transformada em poesia
eu fui seu melhor amor
e fui seu pior amor
amor igual ao meu perdeu
porque desperdiçou
Chegou assim de repente
dominando a sua mente
entrou pela porta da frente
deixando o seu sangue quente
e agora eu quero provar
do que eu não pude ter
ver o seu rosto brilhar
mesmo sem tu merecer
e fui seu pior amor
e o seu melhor amor
amor igual ao meu perdeu porque
desperdiçou...

UM POEMINHA

ALANA DA
SILVA QUEIROZ

Se eu pudesse
daquela janela
despir suas vestes
se eu pudesse
rogar todo seu corpo
com minhas preces
se eu pudesse ouvir
no pé do ouvido o seu gemido
eu iria correndo
querido
mesmo morrendo
ficaria agradecido

Alana da Silva Queiroz, 1995, feminista negra, estudante de letras e espanhol da UNIFESP, canta e compõe nas horas tristes, poetisa por natureza, moradora do bairro Cidade Tiradentes desde que nasceu, e tem certeza que foi feita de amor. Jovem Monitora no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes.

RACISMO NOSSO DE CADA DIA

ESTHER RODRIGUES

· Eu não sou racista
· Me entenda
· Tenho até amigos negros
· Tenho negros na família
· Uma empregada negra
· Que é uma maravilha
· Eu não sou racista
· Mas veja bem
· Tem negro que vai muito além
· Roubar minha vaga na universidade por quê?
· As mesmas chances todos devem ter
· Eu não sou racista
· Mas vá lá
· Um negro numa loja de jóias
· É de se desconfiar
· Ou dirigindo um carro caro...
· Como ele pode comprar?
· Eu não sou racista
· Mas veja bem
· Cabelo duro não fica bem em ninguém
· Existem negros racistas também
· Quando pequeno, racismo sofri
· Fui chamado de branquelo, mais que muitos negros sofri
· Eu não sou racista
· Por favor
· Mas as características negras são um horror
· Não é como se eu quisesse dizer não
· Não tenho culpa se por negros não sinto atração
· Eu não sou racista
· Não debes isso pensar
· Mas não quero com um negro me casar

Não é maldade querer embranquecer a família minha
Imagina que linda minha filha branquinha!
Eu não sou racista
Mas para pra pensar
Por que essa de querer por negro em todo lugar?
Não se veem na TV e se fazem de coitados
Com esse vitimismo de que “querem ser representados”
Eu não sou racista
Me deixe em paz
Mas tem negro que, nossa, fala demais!
Parece que não sabe o seu lugar
Uma hora alguém teria que os calar!
Eu não sou racista
Meu amigo
Mas se vejo um moleque preto na rua
É óbvio que fecho o vidro!
Espero que você não me leve a mal
Mas esses pretinhos são um bando de marginal
Eu não sou racista
Mas afinal
Será que não gostar de negros é tão mal?
Porque se você parar pra pensar
Um pouco de racismo a gente sempre deixa passar
Né?

Meu nome é Esther Oliveira, tenho 19 anos e a maioria das coisas que eu poderia dizer a respeito de mim são incertas, pois costumo mudar constantemente. De certo, só sei que gosto de escrever poesias e textos para colocar pra fora os meus sentimentos e de pintar meu cabelo de colorido. Ainda tenho o sonho de mudar o mundo e talvez seja por isso que eu continue tentando, afinal, o mundo é dos sonhadores né? Jovem Monitor no Centro de Formação Cultural da Cidade Tiradentes.

O APÓS

VINICIUS
BORGES

Essa ba
gun
ça
no meu quarto,
é o reflexo da minha vida.
Já que ali fiz o meu mundo,
depois de sua partida.

A cama que foi templo do nosso amor
já não existe mais.
Morreu junto com ele.

E por mais que eu tentasse
sempre acontecia algum desastre
como se o destino me enfeitiçasse
para que N I N G U É M mais ali deitasse.

O guarda-roupa, com as peças que me vestem
está sem porta, todo quebrado.
Minhas roupas, meu coração,
já não me importam. Tudo amassado.

Os móveis
cada vez mais pó. Eu tirei.
O espaço
cada vez maior. Eu limpei.
E eu
cada vez mais só. Eu pirei.

Agora, ligo o velho aquecedor
nesses dias de inverno.
Eu tolo, cego, apaixonado
não me lembrei que abraço nunca é eterno.

Nossos quadros não enfeitam
as paredes que seriam pintadas por nós.
De tanto rolarmos na cama,
nos enrolamos e fizemos vários nós.
E nós não os desatamos.
Nós desatamos.
Nós.

Vinicius Borges. Já devemos esperar uma vida diferenciada quando vemos uma criança nascendo com a clavícula quebrada? Pois bem, esse sou eu, um curioso da vida que buscou oportunidades de estudos e se encontrou no audiovisual. Criado em São Mateus, vi e vivi diversas experiências que me construíram como sou hoje. Passeio pelas mais diversas artes, mas gosto de me aconchegar nos braços da poesia, da música e da dança. Jovem Monitor Cultural na Casa de Cultura São Mateus.

MENINOS TAMBÉM AMAM

RAFAEL
GUERCHE

Meninos
também amam
também são sensíveis
também são viris, ainda que coloridos
que alegres
e amáveis

Meninos também dançam
se pintam
se desnudam
se desejam
e cantam
e fazem poemas
e rasgam cartas de amor
e amassam maços de cigarros
e sopram fumaças
e sobem no salto e descem do salto
e fazem tatuagens para não esquecer
e quebram taças de vinho
e fazem cena
e rabiscam nas paredes

Meninos também gritam
e vão às ruas
e picham os muros
e quebram as unhas
e rasgam saias

Alguns meninos devoram Allen Ginsberg
outros comem Oscar Wilde
eu trepo com Arthur Rimbaud

Os meninos não são como as novelas nos querem fazer acreditar
dizem eu te amo
que acabou
que só algumas coisas duram pra sempre
sentem medo
sorriem
fazem baderna
motins
causam
e passam batom
e pintam os olhos
se perfumam
androgenizam

Meninos incomodam
porque fazem o que os homens escondem nos banheiros públicos
e erotizam
e “desproíbem”

Chamem os meninos do que quiserem
Só não digam que eles precisam não existir
Não inventem curas
Não batam nos meninos
Não arranquem os seus dentes
Não enfie em seus anus nenhum objeto de madeira ou ferro
E não os matem covardemente pelas ruas dos centros das cidades
Não façam dos meninos um número a mais nos noticiários e nas
redes sociais
Porque essas desmedidas não amenizam os recalques

Cabeças domadas
Uma vida limitada
Visão curta e chucra
Mente acomodada

Enquanto alguns de bolso cheio
Lucrativo sofrimento alheio
O catarsi, o descabelo
O controle a partir do medo

Nunca provou do fel
Se lambuza de qualquer mel
Enquanto a vida de candura
Pra alguns ainda segue dura

Emocionalmente afetados
Como toda cria do estado
Nóis resiste feito mato
Nas rachaduras do asfalto

A reprodução do descaso
Virou espetáculo
Imaculados espectadores
Desprovidos sendo julgados

A rédeas curtas
Espora na bunda
Quem acredita aperta o passo
Quem se liga no pescoço é logo o laço

Trabucado, pataco
Esse ter pra ser que é o diabo
Comprando a alma de bacia
Em plena luz do dia

Thiago Sabino Torres (YAK). Nasci em 90. ABCD, Diadema. Vejo tudo como uma pintura. Mais abstrato que concreto, mais espírito que matéria, mais preso que liberto. Cor e som, som e cor. Jovem Monitor na Casa de Cultura de Guaianases.

A verdadeira viagem não é geográfica e sim espiritual.
É aquela que traçamos dentro de nossas almas e nos fazem evoluir.
(Lima, Caio. 2016)

O que dizer da TV?

Ela que não me estimula a pensar e
me torna apenas um espectador mas
nunca um protagonista.

Protagonismo esse que quero desenvolver
em meu tempo de lazer: meu ócio criativo.

Meu ócio só é criativo quando construo, sem
Responsabilidade, algo advindo do meu interior.

Interior esse que muitas vezes, ou quase sempre,
Passa despercebido no dia a dia.

Que medo é esse que vem das paredes? Não paredes de concreto,
mas sim as paredes que nós próprios criamos. Paredes que nos limi-
tam e nos aterroriza. Como combater algo que nós mesmos causa-
mos? Um monstro que criamos para ter medo e que nos persegue.
Esse que às vezes caminha dentro das paredes do concreto real. O
medo nos dá poderes contra nós, faz bloqueios que me impedem de
ser feliz. Criei um limite para minha existência, um limite que me
dói quando eu o ultrapasso. Essa seria uma ferramenta perfeita para
controlar as pessoas?

Sim, mas estou fazendo contra mim mesmo. Por que eu me ma-
chuco tanto? Era que aprendi desde criança que quando sou jogado
contra a dor e o sofrimento isso me faria melhor? As palavras têm
duplo sentido de entendimento em minhas emoções; primeiro: o en-
tendimento que meus pais queriam passar ao me educar; segundo:
aquele que realmente sentia. Sentia mas não entendia e me pergunta-

va: Por que algo que seria para o meu bem, me faz tanto mal, me causa os piores sentimentos que já tive em toda a minha vida?

Tal lavagem cerebral causada ao meu ser, desde quando não tinha noção do mundo, me fez muito mal. Tão mal que hoje em dia me pego me machucando física e emocionalmente. Não quero ser assim, não quero ter em mim preocupações que não são minhas, não quero mais aceitar os pensamentos que eu era obrigado a aceitar por meio do terror.

Atualmente não sei mais das coisas, vivo triste e no modo automático, sigo em frente apenas aceitando ordens e não tendo escolha própria. Quando tenho a oportunidade de escolha não consigo escolher. Não sei se perdi a capacidade de ter minhas próprias escolhas ou se nunca fui educado com essa finalidade. Preciso sempre da aprovação de terceiros para saber o que fazer ou se algo é bom pra mim. Não sou feliz comigo mesmo, não tenho amor próprio, não sei me valorizar, não me respeito, não tenho noção da minha própria existência. Só quero ter algum tipo de controle real sobre minha vida e meu ser. Quero entender meu “Eu” interior e viver em paz com meus sentimentos e emoções.

Caio Felipe Sousa Lima. Tem 21 anos e é graduando de Lazer e Turismo pela Universidade de São Paulo (USP). Já fez pesquisa na mesma universidade na área de mega-eventos com enfoque na Copa do Mundo de 2014. Jogador amador de Rugby, amante da sétima arte e cozinheiro nas horas vagas. E sonha em conhecer todas as culturas do planeta. Jovem Monitor no Gabinete da SMC.

BEATRIZ SANTOS ANDRADE ARAÚJO

Estou cansada!
Cansada de carregar o peso da dor que é ser quem eu sou
Tem gente que diz que eu escolhi
Mas eu só entendo que eu vivi
Vivi do modo que EU achei correto
É muito concreto, chega a ser palpável esse amor
Quanto eu tô longe de todo esse horror, eu vivo!
De resto eu só sobrevivo, engulo a seco o abacaxi com casca
Mas eu tô cansada! Não quero ter que provar, só peço que me
deixem amar
E aquilo que você pensar, só vomita em mim se eu te perguntar
Do contrário se fecha!
Sua lesbofobia me atinge feito uma flecha.
Que fere, mata.
Só que eu tô cansada!
E o meu amor me dá força pra parar essa flecha no ar
Virar o contrário e soltar
E se o teu preconceito te matar
Vai vendo
Te fazer provar do seu próprio veneno
Vai doer.
Mas a culpa não ser minha
Sou feita de amor, eu sou rainha
Sou preta-flor, renasço das cinzas e não amo sozinha!

Essa preta não foge da treta
E por mais estreita que a porta seja
O destino rejeita
Faz sua história
Nos caminhos, cansada, boceja
Se precisar ela rasteja
Mas não para
Esperta.
Tá ligada no movimento
Caminha no vento
Contra o tempo
Contrariando as estatísticas
Do capitalismo racista e violento
Essa preta não foge da treta
É dona da sua...vida.
Carrega força ancestral
Que a torna rainha da vida real.

Beatriz Santos Andrade Araújo. Bea Andrade, 21 primaveras librianas. Produtora de corre, na
cena cultural Mulher Preta, Gorda e Bissexual. Representando as minas pretas de quebrada
até o final desse rolê. ® existência. (R)existência. Jovem Monitora Cultural no Centro Cultural
da Penha.

CAPÍTULO MANCHADO DE SANGUE

GIOVANNA PEREZ ALTIERI

· Minha buceta sangra
· Arregaçada
· Dilacerada
· Pela sua faca enferrujada de ciúmes
· Puta safada vadia
· Sai na rua de shortinhos
· Salto alto olho pintado
· Batom vermelho
· Quem me dera ter saído
· Inteira
· Sem ter a buceta em pedaços
· Cortada pelo seu caralho
· E o patriarcado
· Joga pedra nela
· Enfia o pau sujo nela
· Entraesaientraesaientraesai
· o sangue
· O esperma cai
· E meu corpo calado
· Confuso
· Não entende mais porra nenhuma
· De que caralho entra e que caralho sai
· Quem violenta meu corpo?
· Nenhum rosto
· 33 rostos
· Meu corpo foi calado
· E meu grito contido

Ecoa pelas minhas vísceras entranhas
Pulsa pulsa pulsa
Pra fora
Quando eu roubo sua faca manchada de raiva
E enfio ela dentro de mim
Minha buceta jorra sangue
Aquele não era meu filho
Com a faca ainda na mão
Te mato
Em sonhos devaneios
Por que não na realidade?
Te enfio a faca para que eu
Permaneça viva
E possa sangrar
Todos os meses
Somente o sangue forte de mulher
E sangue
Até que eu decida
Que de meu ventre
Surja uma nova vida

Matemática da Vida

- Ninguém é MAIS nem MENOS que ninguém
- Mas podemos nos MULTIPLICAR para o bem
- O PROBLEMA é que estamos nos DIVIDINDO
- Fazendo um RESULTADO NEGATIVO

Ano Eleitoral

- Infelizmente não temos educação
- Infeliz MENTE dizendo que vai melhorar a Educação
- Infelizmente sistema de saúde é precário
- Infeliz MENTE dizendo que vai melhorar a Saúde
- Infelizmente transporte público não é agradável
- Infeliz MENTE dizendo que irá melhorar o transporte
- Infelizmente nem todos tem onde morar
- Infeliz MENTE prometendo moradia
- Infelizmente não temos em quem votar
- Infeliz MENTE querendo nosso voto

· Denis Sabino. 26 anos radialista, músico, guitarrista e vocalista da banda terceiro dia de punk rock, integrante dos coletivos Santa Indignação e Classitude, sonhador e querendo igualdade entre todxs. Jovem Monitor do Teatro Flávio Império.

VAI SE FERRAR, OU "NÃO SOU OBRIGADA"

BUBBY FERNANDES

Não é minha culpa
Se eu tenho vontade de te socar
Quando você me manda
Fechar a boca e "malhar"

A ignorância é toda sua
Que acha que eu sou uma doença ambulante
Quando o doente aqui é você
Com esse preconceito desconcertante

Fecha você a sua boca
Cala, para de falar
Reveja seus conceitos, estude, mude
Vai lá, vai melhorar!

Eu não sou obrigada a ouvir
Esse seu papinho furado
Quem precisa de ajuda é você
Que chegou nesse deplorável estado

Nunca te dei o direito
De falar qualquer porcaria pra mim
Você tem é o dever
De me respeitar como sou, assim

E enquanto você me fala essas merdas todas
Saiba que eu estou muito à frente
Saúde, eu tenho há muito tempo
E malhar, malho constantemente.

Ana Paula Kikuti (Bubby Fernandes). Poetisa, fotógrafa e atriz. Nasceu no interior de São Paulo em 1991. Gosta de escrever sobre as dores e as singularidades da vida. Jovem Monitora Cultural no Teatro Cacilda Becker.

O QUE É O AMOR?

THAÍS
FERNANDES

Sabe às vezes fico pensando será que existe amor em Sampa? Às vezes penso estar no século errado, porque acredito na capacidade das pessoas se amar, no romantismo e no compromisso de uma vida inteira, do friozinho na barriga, da forte batida no coração no embalo de um abraço ou até mesmo de um olhar. Muitas vezes nos iludimos com pessoas que faltam amor e caímos em tristeza, porém: Tudo o que acontece de ruim é para melhorar.

Amar é um arrepio no olhar

Um sorriso ao pensar

Fortes batidas ao tocar

Um calafrio ao abraçar

As pernas bambas ao beijar

A vontade louca de fazer a pessoa ficar e nunca mais desgrudar. Dá pra acreditar? Ainda acredito na capacidade do ser humano amar.

Mas pra que se desesperar em procurar? Se o amor aparece quando não se espera, pois é, eu ainda acredito no amor!

Meu nome é Thaís Fernandes, tenho 19 anos. Expresso meus pensamentos e sentimentos em textos, teatro ou músicas, e esse texto é um dos meus pensamentos que expresso no meu caderno de pensamentos. Sou Jovem Monitora Cultural no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes.

RETRATO DE UMA MINA COM CÓLICA

FANI TRINDADE

Começa com uma dor de cabeça,
Depois vem a vontade de vomitar,
A agonia, impaciência.
Os sons e as cores ficam diferentes,
Parece que não estou em mim.
Algumas pontadas na barriga,
A bacia se contraindo,
As dores aumentam,
Não quero sair da cama,
Quero socar minha barriga,
Quero bater a cabeça na parede.
Choro, grito, fico em silêncio,
Adormeço, a dor diminui um pouco.
Um copo de chá de Camomila, duas bolachas de água e sal,
Fico horas tentando engolir.
O escuro do meu quarto, a janela fechada,
O desejo de não falar com ninguém,
A dor tá ali, ela e eu,
Nesse altura do dia, já não consigo lutar mais,
Fico esperando ela querer ir.

Fani Trindade, 23 anos, estudante de Cinema, fundadora do Coletivo Migas periféricas, onde tratamos das questões LGBTQTS na Periferia de São Mateus, Zona Leste de São Paulo. Também faz bolos e cupcakes nas horas vagas. Jovem Monitora Cultural da Casa de Cultura de São Mateus.

MENTIRA

ANGELICA
TAIZE SILVA
(ANGEL)

Ela queria ser desonesta,
brincar de ser esperta.
Achou que fazendo cara de franca,
sairia como Santa.
Um dia ouvi dizer que a mentira tinha pernas curtas,
por vezes no Pinóquio aprendi que ela tinha nariz cumprido.
Mas me convenci que dá
pra perceber ela de outras maneiras.
Descobri que risada safada ali tinha uma farsa,
que careta de sério nada tem de mistério.
De tanto desconfiar resolvi ter certeza.
Assisti o Pinóquio para me armar e assim me convencer.
As pernas curtas ainda não vi,
mas cheguei de mansinho e lá estava ela
em forma de risada safada, e logo se transformou em carranca seria.
A mentira ficou branca feito papel,
mole feito gelatina,
bamba igual bambu ao vento.
Só podia estar aí as tais pernas curtas
de que tanto ouvi falar.
Quando vi não me aguentei,
descobri que a mentira aprendeu a rezar.

Angelica Taize Silva (Angel). Tenho 26 anos. Típica aquariana de ideias loucas, faço Dança contemporânea e Teatro, porém sou mais atriz na vida que no palco. Nunca sei o que falar sobre mim, prefiro deixar aberto para cada um que se interessar me conhecer a sua maneira. Jovem Monitora no Centro Cultural Galeria Olido.

O universo onírico sempre proporciona ideias interessantes. O duro é ter de lembrar de tudo na manhã seguinte. É o meu caso. Eu nunca lembro de tudo; detalhes importantes sempre me faltaram e hoje não tinha porque ser diferente. Mas, hoje uma coisa mudou. A imagem que se mostrou no sonho — uma porta entreaberta num cenário escuro — me inundou de curiosidade e inspiração. Lembro-me em determinado momento de observar uma pessoa ultrapassando a porta calmamente. Aí as dúvidas se apresentam: Por que uma porta? Por que no cenário escuro? Quem é a pessoa? E principalmente, o que a porta significa? Pensando, pensando, pensando

Um estalo: a porta somos nós. Ou nós somos a porta.

Calma, eu vou explicar. Há uma porta e essa tal porta tem algum controle sobre ela. Abre quando quer, se quer e, mais importante, entra só quem ela quer. Esse controle cai pela metade quando o assunto é a saída de quem entrou. Isso fica a critério de quem ultrapassou a porta. E essa é a fraqueza da porta. Essa é a nossa fraqueza.

Vale dizer que só entram pessoas pela qual a porta sente alguma estima. Às vezes a pessoa pode ficar esperando a porta se abrir durante um tempo. Às vezes a pessoa espera e a porta nunca se abre. Às vezes a porta se abre de imediato.

Imagine a porta se transfigurando em você. Percebeu? Fez sentido? Sei lá se o sonho queria me dizer isso. Sei lá se ele queria me dizer algo...

Juliane Lima. Sente dificuldade em escrever sobre si, por isso recorre à terceira pessoa (que no caso é ela mesma). Estudante de Letras apaixonada por cinema, fotografia e música. Dedicar o tempo a fazer leituras sobre qualquer coisa, ouvir os amigos, praticar yoga e falar com os cachorros que vê na rua. Leva a escrita como meio de expressão e salvação. Jovem Monitora no Teatro Décio de Almeida Prado.

...TRANSBORDOU

FELIPE ROGÉRIO

Sabe quando o pouco não te satisfaz mais? Quando o raso não é capaz de chegar as margens do seu coração?

Então..

Eu realmente sei que agora não preciso mais do “pouco”, pois ele nunca preencheu o lugar devido (na verdade nunca precisei, ele não me trouxe a lugar algum), eu não preciso de partes, preciso de um quebra cabeça completo mesmo que seja difícil encaixá-lo, mas no fundo sei que cada peça está ali e que no momento certo ela se fará presente e precisa.

O “raso” ah este com certeza não é o meu lugar, eu transbordo sonhos, voou pra onde eles me levam, inalo esperança, me embebedo de coragem e não me limito em relação aos meus sentimentos, porque eu sempre fui assim só precisei olhar pra dentro de mim e perceber que tudo que eu tenho aqui dentro não tem lugar para o raso, pois aqui já transbordou.

Felipe Rogério. Expor as expectativas frustradas ou se quiser chame as de experiências, descubro nas tais um amadurecimento dos meus sentimentos e sonhos e a partir dessas experiências começo a escrever e a compartilhar um pouco dessa confusão de sentimentos que no fim dá todo o sentido à famosa palavra... Viver. Jovem Monitor Cultural no Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes.

PÃO DE LÓ

MOISÉS MENDOZA

na última vez, eu coloquei farinha a mais. a massa ficou borrachuda, tive que cortar em tirinhas pra comer chafurdando no pote de doce. dessa vez, não. dessa vez eu vou colocar mais farinha ainda, vou esturricar a massa, deixar que vire uma pedra enformada. ou talvez eu me arrependa e antes de colocar pra assar, adicione o dobro de leite pra dar uma amolecida. vou mexer bem mal mexido, deixar a farinha empelotar. os ovos vão todos com casca dessa vez, inteiros. vou adicionar mais fermento também, deixar que exploda no forno pra eu limpar por meia hora depois. sem problema. eu tentava acertar o ponto nas outras vezes. eu esperava que fosse ficar fofinho, molhadinho, mas não ficava. eu tentava salvar depois, fazia de tudo. investia na cobertura, jogava corante, colocava todo tipo de confeito, recheava sem dó. dessa vez, não. nem que eu tenha que servir com duas facas e nenhum garfo. nem que eu tenha que comer sozinho. nem que eu mesmo não consiga comer. nem que eu mesmo não consiga. nem que eu. tem receita que foi feita pra não dar certo, pra comer com o miolo cru. eu não conseguia entender. eu achava que era a farinha, porque na última vez eu coloquei demais. coloquei demais. eu achava que era a farinha. dessa vez eu não acho. dessa vez, não.

Moisés Mendoza. É ator na cia clandestina, escreve e acha que desenha. é caipira. é virgiano. toca violino. já foi gago. repete roupas. ouve música antiga - e gosta. não é um bom leitor e estuda letras. é cabeleireiro. dá aula de zumba. Jovem Monitor Cultural no Fomento ao Teatro.

AUTORRETRATO

JENNIFER OLIVEIRA

Sua pele estava pálida, não parecia haver sangue em seu corpo.
A única coisa na qual poderia ganhar algo era com o seu olhar.
Ao contrário do seu corpo, que estava sem vida, seus olhos eram como pedras de gelo, porém o azul era tão terno que derrubaria o ataque de qualquer artilharia.
Sua alma velha carregava toneladas de histórias e alimentava-se diariamente de sabedoria.
Tudo isto envolvia segredos que eram tatuados em sua pele e nunca revelados, e aos poucos produzirão um livro preto e branco, com desenhos e escritas “sem nexos”.
Era como árvore seca, bela e ao mesmo tempo vazia.
Tantos vendavais haviam arrancado suas folhas e levado todos aqueles que um dia habitaram ali, todavia, nunca foram capazes de arrancar tuas raízes, nem mesmo a maré em fúria ou um tornado desorientado.
Ela estava ali, com seu corpo nu, exposta àquelas que enxergam sua beleza.
Suas cicatrizes faziam com que fosse diferente, como relevos em papel, marcas de um passado, felizmente passado.

Jennifer Oliveira
Moça paulista com coração em Catarinas
Não vê a hora da próxima viagem
Pra encher de novidades sua bagagem.
Extremista em sentimentos, coração salta do peito,
Gosta de música, cinema e cerveja.
Tem o desejo de ser infinita, 23 anos,
Publicitária, cativa paixões em poesia e fotografia.
Jovem Monitora na Casa de Cultura Cidade Tiradentes.



Às vezes perco o fôlego na madrugada e respiro fundo pensando que ainda falta muito. Às vezes não entendo como é difícil ser compreendida, aí me olho no espelho e percebo porque as pessoas não fazem o mesmo. Às vezes modifico o que quero dizer por não aceitar que eu não estou sendo ouvida. Às vezes eu solto verbo para acreditarem no que sou. Às vezes não me importa o que acreditam, mas incomoda o fato de deduzirem. O problema é se colocar no lugar do outro e esse fardo eu carrego nas costas. Lastimável. O pior é quando ouço como eu devo me comportar, não sou mais criança e “meu caminho sou eu quem traço”. E isso não é soberba. Lembrando que não sou submissa. Não sou comum, também não sou normal, quem sabe estranha, porém ativa. Passiva só quando souberem compreender: E se eu fosse você?

Poesia é movimento, contribuição
Poesia não termina
Poesia não cala
Poesia é arte e alma emprestada,
Poesia dança, canta, declama
Poesia sente e vive
Poesia é também o que não sei,
mas o que o outro me faz pensar
Poesia é força e resistência

Cinthyá que seria Dandara,
que é tudo, que é mistura,
que é música, que é alma,
que é poesia, que é o que
também não conheceu.

Jovem Monitora no Núcleo de Casas de Cultura.

UMA RESPOSTA PENDENTE

NANCY TEIXEIRA
FELICIANO DA SILVA

Descendo de Rainhas que lideraram exércitos, de Mulheres potentes em força e beleza.

Descendo de povos que tem como base de sua história e cultura a oralidade, a contação de histórias, o coletivo. “Eu sou porque nós Somos”.

Descendo de Homens e Mulheres Iorubas, Jejes e Bantu, que sequestrados, atravessaram o oceano e ressignificaram sua Cultura e Religião para sobreviverem à escravidão.

Descendo do Tronco e do Coro que formam o tambor, agitam meu corpo, acalmam meus pensamentos e trazem meus ancestrais.

A vó de minha vó foi índia Cariri. O pai de minha vó, escultor de altares das igrejas de Recife. Minha vó costureira. Meu pai mecânico.

Minha mãe cabeleireira, sua vó Feirante, sua mãe merendeira de escola infantil, seu pai pintor.

Neste corpo possui todos os corpos de meus antepassados. Nesta alma possui todas as minhas vidas.

Sou formada por todos os olhares que cruzaram por mim. Todos os cheiros, gostos, sons.

Todas as palavras que ouvi e li fazem parte de meu vocabulário.

E mais, sou todos os meus anseios. Todos os olhares que esperam o meu. Sou tudo que ainda não senti.

Então tenha muito cuidado, Professor, ao dizer que negros são descendentes de escravos, muito cuidado ao contar apenas uma história.

Nancy Teixeira Feliciano da Silva.

Sou feita para o Amor.

Brincante.

Com os sentidos atentos ao outro em mim.

Jovem Monitora Cultural no Núcleo de Casas de Cultura.

Eu disse. Eu disse que eu não sei. Eu disse a você que eu não escrevo. Eu disse também pra você não me perguntar coisas que você sabe que eu não sei responder. Eu disse pra você parar de me olhar assim. Eu disse que não tinha nada a te oferecer. Então eu te disse: para de me dizer que você me conhece, ontem talvez eu fosse água, mas hoje posso ser graxa. Eu posso te sujar dos pés a cabeça com tudo isso que eu me tornei. Eu disse, eu disse que eu era suja. Talvez você não queira me ler. Eu acho que você tem preguiça de mim. De onde vem esse seu interesse. Eu sei que você não quer me ouvir. Então quando estiver ao meu lado não me pergunte nada. Eu disse pra não me perguntar nada. Só esteja. Ou vá. Você não faz questão de ouvir o que eu digo, não é mesmo. Vira. Eu disse vira. Eu quero escrever nas suas costas. Eu vou tatuar seu corpo com o que eu digo. Mesmo que você não veja, vai estar aí. Dentro da sua pele. Você sabe o que eu disse. Você ouviu o que eu disse. Você ouviu. Está aí. Dentro de você. Eu disse que eu poderia escrever.

Jhennifer Thais Peguim. Formada em teatro e tem sérias dúvidas sobre sua profissão, não sabe se é atriz, bailarina contemporânea ou professora de pole dance. Quando Jovem Monitora Cultural no Fomento ao Teatro se interessou muito por gestão cultural (também não sabe se quer ser gestora). É integrante de uma companhia de teatro composta só por mulheres chamada Cia. Alô, Doçura!. É muito confusa, mas só um pouco. É objetiva (em sua imaginação). Gosta de roxo e prefere laranja. Toma café todos os dias quanto tem. Jovem Monitora Cultural no Fomento ao Teatro.

· **Memórias**

· Preciso entender essa responsabilidade toda
· Essa vontade toda, carregada de necessidade
· Essa falta de medida
· Incondicionalmente perpetrada
· Carrego pelas veias
· Sobressaindo pelos poros
· Desengrenando meu pudor
· Subtende-se, pelo seu peso, que seja um dever
· Pelo meu ver, uma predestinação
· E para o tempo, um momento que nunca chega
· Testemunho em minhas visões uma utopia
· Viajando aos quatro cantos
· E destranco as portas da minha própria liberdade
· Já anseio pelo dia
· Em que verei que meus sonhos serão saudosos
· E a realidade sua tradução

· **Trama**

· Minha pressa não condiz com o que resta
· Por onde ando, o objetivo vai trilhando, vai seguindo, se omitindo
· Talvez perdido, sem memória, sem conexão, corpo doído
· Vou seguindo, talvez sem rumo, olhando o mundo
· Deito pelo chão, desmembro os céus, reparto o pão
· Deixo de lado, embrulhado
· Canto a cantiga, sonífera ilha
· Desengrenado, enferrujado, até frustrado

Me desencante, num desalento, ao som do vento
Me deixe ali, naquela esquina, sem fé, na linha e em ruína

Não te demores, a ver os mares
Que teus amores a ti não devores

No sonho vão, tua ilusão
Se acha em chamas, entre tuas tramas

A palavra

Só preenche com uma palavra
Palavra vaga, demorada
Acanhada, despida, vasta
Desprendida
Envolvedora, acolhedora
Sem escrúpulos, sem medida
Com efeito devastados
Com tom de som ou com cor
Traduzida, ingerida
Na lata ou na medida
Sem alarde ou sem tempo
Apagada, encurtada
Tão discreta, quase inquieta

Diego Lopes Santos. Estudante assíduo na busca pelo desenvolvimento social contínuo, acreditado na mudança por meio da educação e principalmente pela cultura. Incentivador cultural e militante LGBTTTQI e FEMINISTA. Jovem Monitor Cultural na Casa de Cultura Raul Seixas.

MEU

SILAS DONATO

· quem sou eu pra sair na rua do jeito que eu quiser??
· a pergunta é quem é você pra vir querendo me dizer o que eu posso
· ou não fazer
· a rua é minha igual é sua
· e o corpo é meu e ponto
· eu sou meu
· e ponto
· não pulo uma linha
· esqueço o parágrafo
· só vou em frente
· você fita métrica me mede inteiro
· não deixa um pedaço
· você fita métrica é a própria justiça com teu olhar de lado me
· julgando
· é a própria justiça com tua boca de lado me reprovando
· botando meu eu na balança com teu olho ódio desdém
· botando meu eu na balança com tua língua discurso nojento
· pesando meu eu com seu cérebro fedendo
· fedendo à normatização
· acende um incenso aí miga
· entre nós não há equilíbrio não
· meu peso é bem mais pesado que o teu
· teu desdém preconceito ódio ignorância
· eles pesam em mim
· então pode botar tudo isso na balança
· que eu ganho
· nesse mundo terrível eu vivo de esperança
· porque pode doer quanto for eu sou forte
· pode acusar do que for eu aguento
· minha pena é ser leve
· é ser eu desfilando por entre seus julgamentos
· é ser eu desviando de seus ódios vazios
· eu dobrando as mangas da minha blusa
· eu dobrando as barras das minhas calças

eu cortando e encurtando os meus shorts
é ser meu cabelo pintado
é ser minhas unhas pintadas
é ser minhas meias cheias de cores
é eu ser meu mundo com mais cores
quero o nosso mundo com mais cores
quebro seu concreto com minhas flores
planto abstratos meus amores
pois ninguém aqui quer ser igual a você não
meu orgulho está na minha diferença
ninguém aqui quer seus valores fundamentais não
a família tradicional me destruiu na infância
ninguém aqui quer ser confundido com seu tipo não
de seus padrões machistas quero distância
e diz
pra quem quiser ouvir
nem vem me medir
que suas réguas não me cabem
suas regras não me servem
suas trenas não me alcançam
em suas fitas eu me enrolo
me enlaço
me enfeito
sou presente
e me entrego a viver sem os teus atrasos
eu vou
e por aí me espalho
me escorro
me transbordo
me lambuzo
sem medidas tuas
quem é você pra medir minha vida???

Silas Donato. Nasceu em 1990 e tem crescido pelo tempo-espaço, come arte e bebe cultura desde o primeiro registro de sua memória mas tem problema de digestão, arrisca menos que o esperado e deseja mais do que o desejado, aprendeu que abraços são as melhores coisas do mundo mas ainda não aprendeu como falar de si. Jovem Monitor na Casa de Cultura Itaim Paulista.

FRAGMENTOS ENTRE EU E NÓS

TEXTO COLETIVO

Hoje eu chorei aos poucos, minha alma chorou sem parar. Hoje eu não queria perguntas, tão pouco aconchego, eu quis chorar desesperadamente até meu corpo secar, até a acidez das minhas lágrimas queimarem meu rosto, até esquecer que é feio chorar em público.

Hoje meu ser rasgou minha carne e atravessou para fora em uma dança de liberdade, me vi dançar ao som da chuva que não caía, corri ao encontro do invisível e esbarrei no desconhecido, soluicei audivelmente e assustei minha alma adormecida. Senti falta de mim. Falta de você, falta dela, falta de todos nós e todos que estão ao meu redor. Percebi que é mais difícil olhar para o presente que viver no passado ou sonhar com o futuro.

Mas desejei e assim joguei para fora o cadáver que chora incessantemente. Correr ou andar, já não faz mais diferença se eu der um passo de cada vez. Hoje eu chorei, mas foi pouco, por quê?... Porque eu ri até não aguentar mais! Ou talvez seja porque eu já não ria há muito tempo. Hoje eu chorei um pouco mais porque me sinto bem em por minhas emoções à mostra. Afinal assim me sinto VIVA.

Mas a preguiça aparece nos momentos que não devia, que não podia aparecer... A vida nos faz ser tão racionais. Sinto imensa falta de ser livre, de fazer o que quiser... Aquela liberdade quase infantil: de andar pelada, de comer sem culpa, de dormir a hora que quiser e de não ter que ter opinião sobre tudo... Sinto falta do que nunca tive, ou até tive quando ainda era criança. Ser criança... se pudesse voltaria! Tempos em que preocupação era não sujar a roupa, escolher a melhor brincadeira, brigar com a amiga e no outro dia já estar de bem novamente. E não ser mais criança é também perceber como é difícil desapegar de coisas e de pessoas, mesmo daquelas que acreditamos não gostar mais. Às vezes canso de tentar parecer forte, às vezes só quero voltar para a barriga da minha mãe.

O processo de autoaceitação é contínuo, pois a mudança constante é iminente. Quando menos se espera, estamos lá tentando nos reafirmar, por uma coisa ou outra. Sinto-me um completo estranho boa parte das vezes, e as experiências e conhecimentos que foram conquistados ao longo da vida, que tanto traduzem “o que somos”, nada significam de verdade. Aquilo que fazia sentido torna-se abstrato em pouco tempo, e me vejo buscando filosofias numa obra que foi construída a partir de um balde de tinta lançado contra a parede. O instante que tenho mais consciência de minha existência é também o instante que estou mais perdido.

Afinal, quem somos nós?

Selfies, postagens, falsos sorrisos
Delimitando qualidades, omitindo defeitos
Quase como um medo de errar, a busca pelo perfeito
Acabamos esquecendo de provar isso para quem é mais importante
De nós mesmos
E no meio de todo esse esconde-esconde psicológico, nos perdemos.

Perdemos a nossa essência, pois buscamos ser o que não podemos
Perdemos a nossa essência, pois não podemos ser quem queremos
Perdemos a nossa essência, pois queremos ser quem não somos.

Por isso, voltemos ao questionamento
Quem somos nós?
Dentre uma infinidade de planetas, uma infinidade de estrelas
Dentre uma infinidade de cosmos, uma infinidade de satélites
Um planeta, milhões de pessoas.
Milhões de pessoas, diversas raças,
Diversos conhecimentos,
Diversos pensamentos
Pensamentos...
Dentre todos esses pensamentos, um deles ecoa firmemente
“Quem somos nós?”
Definitivamente, ainda não sabemos

·
·
· Achamos que nos conhecemos verdadeiramente
· Não gozamos de questionar nossa própria existência
· Criando a falsa afirmação constante
· Suprindo a carência do conhecimento de realmente saber quem realmente você é

·
· Não sabemos quem somos porque nos perdemos, e nos perdemos
· porque achamos que sabemos
· Só sabemos quem somos em nossas incertezas
· Na quase desistência, na quase queda, na quase vida e na quase morte
· Sabemos quem somos quando falhamos, pois nos reconhecemos, e lá nós nos encontramos

·
· Quantas vezes você se reconheceu hoje?
· Afinal, quem você é?

·
· 27

·
· aos 27 descobriu
· que comer os menininhos de 18
· já não tinha mais tesão
· que passar madrugadas na noite
· em meio ao álcool e o pó
· também não dava mais tesão
· que estar cercado de pessoas descoladas
· descontraídas e bonitas
· não dava mais tesão

·
· que as redes sociais são prisões
· que a sociedade é uma gaiola de pássaros deprimidos
· que a vida é muito mais fugaz do que presumíamos
· que a solidão também é um remédio necessário
· que chorar é cada vez mais raro, as lágrimas secaram
· que a paixão é um crime adolescente
· e que se morre aos poucos a cada dia
· quis ficar horas em silêncio

quis não mais responder mensagens
quis não mais marcar encontros
quis não mais trepar casualmente
quis se ausentar
quis pegar a estrada
quis viver invisivelmente

aos 27

descobriu que suicidar-se
não necessariamente é matar o corpo
mas também silenciar a alma diante do caos do mundo.

Angélica Taize (Angel) tem 26 anos, e atua na Divisão de Produção do Centro Cultural Olido.

Fernanda Chagas, 26 primaveras, mulher negra que traz consigo a vivência de ser nascida e criada em Pelotas/RS e que hoje é atravessada e transformada pela São Paulo/SP de tantos sonhos e ilusões. Jovem Monitora na Divisão de Produção Galeria Olido.

Luis Henrique Baccharini, 19 anos, estudante da área da comunicação gráfica (Design Gráfico), gosta de viajar no mundo dos jogos nas horas vagas. É Jovem Monitor Cultural no Centro Cultural Olido.

Rafael Guerche, 27 anos, é ator, diretor teatral e poeta. Formado pela Escola Livre de Teatro, SP Escola de Teatro e graduando do curso de Letras (Português/Francês) pela Universidade Federal de São Paulo. É diretor e performer do espetáculo Meninos Também Amam, também diretor artístico do projeto de fotografia e poesia homoeróticas "homOrgias poéticas". Jovem Monitor Cultural no Centro Cultural Olido.

Rivaldo Soares nasceu de 7 meses e quase caiu do berço nos primeiros dias de vida, e desde então vive caindo por aí. Gosta muito de quadrinhos, games e cinema, e Steven Universe é sua animação favorita atualmente. Prefere gastar dinheiro com bolachas a por crédito no celular. Jovem Monitor Cultural no Centro Cultural Olido.

·
· AMANDA DE
· ANDRADE NEVES
·
·
·

· *Sente, sente, sente,*

· *Tudo sente,*

· *Tudo, tudo, tudo*

· SEMENTE.
·

· “Tua liberdade/Nossa liberdade/Minha liberdade/Não sei!

· Me dá medo e me fascina
·
·

· O medo que vem do apego

· De umas ramificações de dentro de nós

· Essas que vem do inebrio do sentimento

· Dessa compulsividade de sentir

· Nessa compulsividade de sentir
·
·

· O meu.

· O teu.

· O nosso.
·
·

· A tenuidade do nosso.

· O desapego do apego.
·
·

· Me fascina

· Por me fazer trilhar...

· Não!!!

· Me fascina por abrir a possibilidade de um trilhar
·
·

· De caminhar desconectadamente em direção a uma utopia

· Utopia?

· De caminhar desconectadamente em direção de uma utopia

· Da minha.

· Que é tua.

· Iguais. Diferentes.
·
·

Respeitar aquilo que há em mim
Aquilo que há em ti
Aquilo que há em nós
Aquilo que há no outro
Dos outros
Das nossas ramificações de outros
A palavra que existe há muito tempo na humanidade deu forma
aquilo que eu sinto. O que eu não sinto. O que eu não sei sentir. O
que eu não sei se sei sentir. O que eu não sei se eu sinto.

Talvez,
O desgraçado do apego seja a válvula das minhas palavras.

Amanda de Andrade Neves, nascida em Marília, interior de São Paulo, no dia 24 de janeiro de 1996. Moradora do Grajaú, bairro no extremo sul de São Paulo. Atua como Jovem Monitora no Centro Cultural Grajaú e estuda licenciatura em teatro na Faculdade Paulista de Artes. "Acredito intensamente na relação com o outro, na relação com o ser - humano e o quanto essa energia pode ser construtiva". Amanda de Andrade Neves nascida em Marília, interior de São Paulo, no dia 24 de janeiro de 1996. Moradora do Grajaú, bairro no extremo sul de São Paulo. Atua como Jovem Monitora no Centro Cultural Grajaú e estuda licenciatura em teatro na Faculdade Paulista de Artes. "Acredito intensamente na relação com o outro, na relação com o ser humano e o quanto essa energia pode ser construtiva".

CAMINHOS

RODRIGO
RAMOS SILVA

[...] A gente sempre escuta que falta mais amor, que é necessário conexões verdadeiras, que é preciso se doar, que é normal sentir dor e chorar, que é comum as pessoas partirem pra nunca mais voltarem, que devemos saber também saborear o gosto da saudade, afinal é parte fundamental, fica para a eternidade. Elx ouviu atentamente cada palavra, criou mundos e conseqüentemente destruiu-os, a questão é que era necessário viver na prática. Chegou na rodoviária e sentiu saudade de casa, sentad@ no banco no ônibus chorava de dor, sentia dor na alma, entrou naquele ônibus sem intenção de voltar, sentia muito pelas pessoas que ali deixará, mas estava decidid@ que pro mundo iria se doar. A vida que segue, o chão cinza dá espaço pra natureza linda, a felicidade vinha e a tristeza se esvai no ar, de longe elx sente que a conexão que tanto procura virá. [...]

O QUE SOBRA...

RODRIGO
RAMOS SILVA

[...] E as coisas continuavam acontecendo, e eu fingia me importar... Bom, não que eu não sinta nada, mas nada parece me interessar efetivamente. Sonho em viver aquelas explosões das quais tanto ouço por ai, gente que mergulha de cabeça nas coisas, pessoas que dizem ter se encontrado. Na real eu estava fodido, não fazia ideia do que fazer nessa merda, estava tudo errado. Viver era um marasmo, não a vida em si, mas a minha vida de certo modo. Eu gostava da vida, ficava feliz pelas pessoas e pelas coisas ao meu redor. Sempre tive olhos atentos às coisas boas que nos cercam, mas as malditas pareciam fugir de mim. Quase sempre isso era e ainda é bom. Confesso gostar de sentir o fervor da solidão, estimula o pensamento, a reflexão. Parecia uma luta toda vez que acordava, milhares de tarefas acumuladas, todas espalhadas em alguma parte da minha mente, algumas eu mal me importava. Não, nunca fui de anotar detalhadamente minhas obrigações num caderno, muito menos decorar datas comemorativas ou feriados para programar minhas atividades, era tudo tão dado e eu só me lembrava das coisas no dia em que iam acontecer, era um saco. Já se passaram anos nesse plano, e definitivamente eu não pertencia à nada. Não sou popular, não tenho muitos amig@s, não saio muito, tive poucos relacionamentos e tenho gostos totalmente desconexos à minha geração, é um porre... Eu não fazia ideia de como elxs conseguiam levar a vida, pareciam felizes, ou faziam igual a mim. Fingiam! [...]

Rodrigo Ramos Silva. Estudante de História na PUC-SP. "O segredo não é descobrir o que as pessoas escondem, e sim entender o que elas nos mostram.". Jovem Monitor Cultural na Casa de Cultura Itaim Paulista.

TEODORO ALBUQUERQUE

Sem dó, mano. Sem dó. Chega. Sem passar pano pra sistema, pra Estado, pra bad e contato que não presta. Eu quero quem soma, quem soma fica e quem fica memo é quem sabe quem eu sou. Foda-se, sabe? Eu demorei 22 anos da minha vida pra perceber o quanto eu fui castrado e mutilado nesse processo. O quanto a colonização deu certo, até agora. Acordei pra perceber e olhar em volta que eu estava escondido, enrolado em mim. É mó treta. O sistema não é feito pra gente ter certeza do que é, pra transbordar os nossos limites, os nossos gostos, afetos, querereres. Então a gente não chega nesse rolê batendo no peito, entende? Demora. Demora pra entender que quem tá errado é o resto, demora pra acreditar no que todo o seu ser tá indicando e pedindo ao longo de toda a sua vida. Por isso, de novo, chega. Tô batendo a poeira da roupa, já joguei vários tecos podres de carne violentada pro lado. É como se eu tivesse acordado zonzo lá atrás, pedi aquele arrego, aqueles 5 min. Dormi pesado de novo, acordei no susto. Tive aquela sensação de que ce acabou de despencar na cama, manja? Caí pro lado, naquela par de roupa suja, tênis, ponta, caneta e depressão que a gente deixa no pé da cama. Lavei o rosto, saí nessa porra de sol quente das três da tarde, um calor fodido e o mundão correndo. Chega de sombra. Acordei.

i just landed

agora eu preciso deixar rolar tudo sabe? espera banheiro, cigarro, gato, comida, espera louça e roupa suja. espera diálogo também. espera sede. espera telefone, facebook. espera crítica, autocrítica. espera comentário e dúvida. espera ansia. espera vida real e necessidades reais, e tarefas urgentes e compromisso e trampo. espera trampo, que se foda trampo. espera fome principalmente pq se não tem trampo, tem fome pra valer. mas não dá
não dá
não dá
não dá

Teodoro Albuquerque, homem trans, 22, bissexual, Jovem Monitor cultural, assistente de produção. Blog com impressões e devaneios sobre começo de transição <https://medium.com/@teoalbmartins>. Jovem Monitor Cultural no Gabinete da SMC.

O RECADO

RIVALDO SOARES

Era só dar um recado ao microfone para um grande público. Bem rapidinho, talvez em menos de um minuto. Todos estavam extasiados pelas músicas e poesias que foram compartilhadas no sarau, e no intervalo de uma atração, fui encarregado de divulgar um evento que aconteceria dali um mês. De um instante para outro, deixei de ser público para virar protagonista e nessa transição fui tragado pela insegurança da exposição.

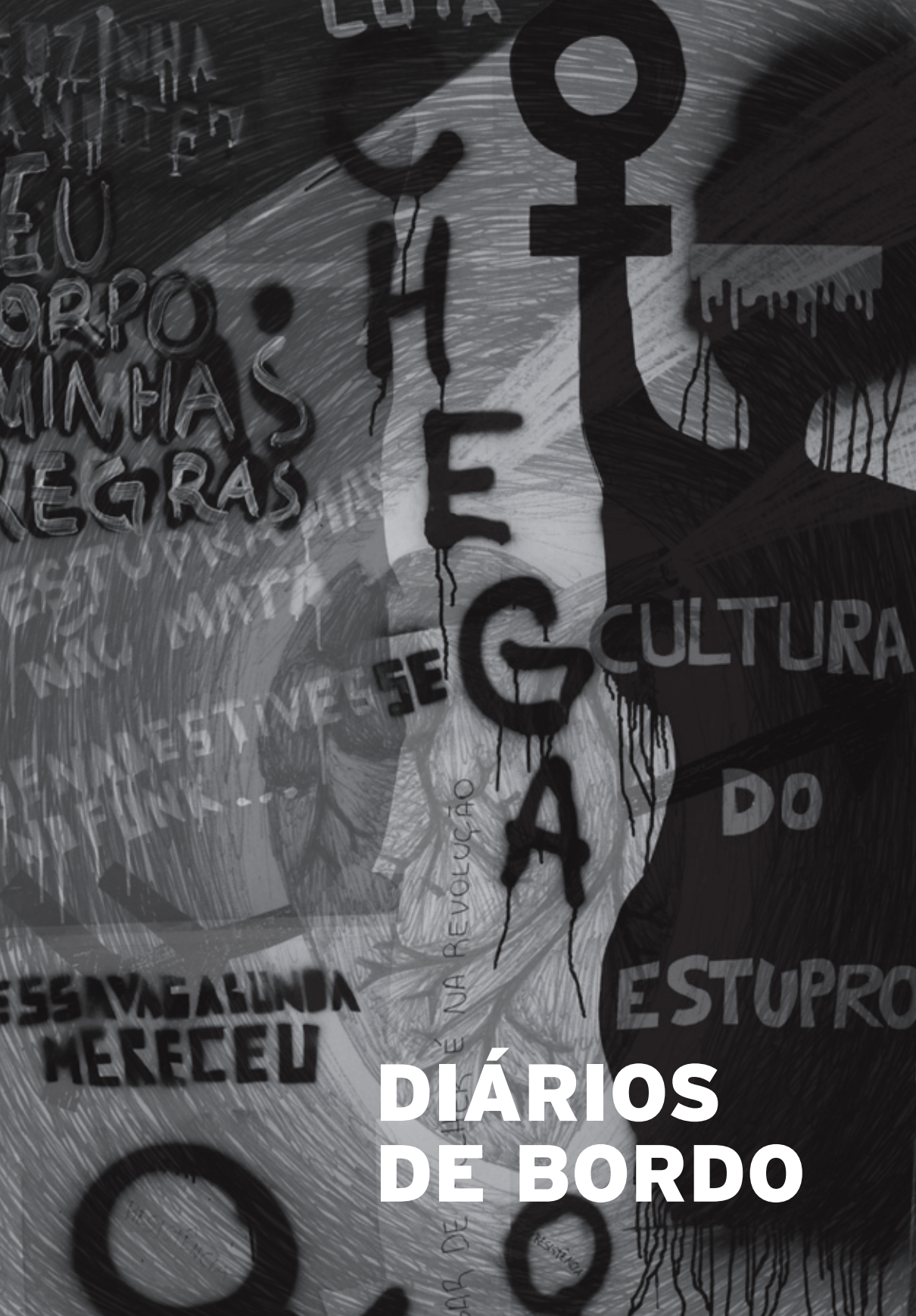
O microfone me foi passado e meu corpo fervia, não tremia como acontece normalmente nas ocasiões que nos expomos para um grupo, mas um terremoto vibrava por dentro e anunciava desestabilidade. Olhavam-me como se eu fosse dizer o maior segredo da humanidade, mas as frases iniciais já soaram titubeantes e suficientes para revelar que se tratava de um charlatão.

A mensagem era expurgada como um catarro, e fingir elegância nessa situação revelava ainda mais a fragilidade de quem está com a palavra. Não conseguia me ouvir, as caixas de som estavam em descompasso comigo. Tropecei nos verbos, nos tempos, nos olhares. Sentia-me como um cantor de ópera desafinado que tenta virar melodia com os instrumentos a sua volta e não obtém sucesso. Após o recado e as palmas que me abraçavam, pude perceber o sangramento que escorria no meu peito. Desejei do fundo do coração que ninguém pudesse ver.

“Por que ficou nervoso?”, perguntou a gestora do espaço que atuo, aos risos, preparando-se para registrar aquele momento com a câmera do celular. Quando a foto e minha vergonha se materializaram, as atenções voltaram para a próxima atividade. Pulei de sombra em sombra e fui embora, fugindo de uma dívida que não podia pagar. Lembrei-me da presidenta Dilma e dos seus deslizes na oratória durante pronunciamentos e entrevistas. Será que ela terminava o expediente e lamentava a sua postura diariamente? Como a governadora mais influente do Brasil lidava com os seus erros e o julgamento de todo o mundo? Ai, que difícil. Se a própria Dilma erra, por ser simplesmente humana, porque eu deveria pesar tanto as minhas falhas? Que bobagem, que pequeno. Vai ficar tudo bem.

No ônibus, indo para casa, encostei a cabeça contra o vidro e admirei os edifícios e árvores que corriam noite adentro. No entanto, não vou mentir, o recado continuava a evocar pensamentos hóstis. Só tive um tanto de alívio quando cochilei, juntamente com uma criança acomodada ao lado, desconhecida, e que gentilmente se apoiou no meu ombro e encontrou algum conforto.

Rivaldo Soares. Nasceu de 7 meses e quase caiu do berço nos primeiros dias de vida, e desde então vive caindo por aí. Gosta muito de quadrinhos, games e cinema, e Steven Universe é sua animação favorita atualmente. Prefere gastar dinheiro com bolachas do que por crédito no celular. Jovem Monitor Cultural no Centro Cultural Galeria Olido.



EU
CORPO
MINHAS
REGRAS

HEGEMÔNICA

CULTURA

DO

ESTUPRO

ESSA GALINHA
MERECEU

PARA DE... É NA REVOLUÇÃO

DIÁRIOS DE BORDO

· GISELY ALVES

· Para pensar o feminismo nos dias atuais, faz-se necessário um olhar
· mais atento a questões que vão além desse assunto, para questões
· que estão nas entrelinhas de tantos outros, e que se fazem presentes
· no contexto de todas aquelas(es) que buscam romper barreiras
· intolerantes e opressoras.

· Há de se concordar que vivemos em uma sociedade que nos im-
· põem uma série de “papéis”. Completamente engessadas, as normas
· sociais atuam sobre os corpos de modo extremamente verticalizado
· e autoritário. Tais “papéis” e condutas consideradas corretas e dentro
· daquilo que ouvimos como “normal” fazem parte de um machismo
· sintomático e estrutural que possui muitas camadas nessa sociedade.
· Permeiam não apenas o cotidiano das pessoas, mas alcançam os mais
· diversos patamares dentro da cultura, demonstrando-se também de
· forma velada.

· A intolerância por sua vez, está no cerne de muitos assuntos como
· este, manifestando-se por via das relações de poder e não dando mar-
· gem para toda uma complexidade. Olhar para o outro não é projetar
· aquilo que se espera ver de si mesmo. Nesse lugar de não escuta, ocor-
· rem os processos de assimilação, onde apagam-se as diferenças e im-
· pera apenas os desejos de valores de certo grupo em prol de destituir
· toda a subjetividade e escolha do outro.

· Conviver é se contaminar, é estar disponível aos atravessamentos,
· e não completamente engessado e cheio de *a priori*. Estar disponível
· à situação é o contrário de estar munido com argumentos rígidos,
· onde não há escuta e apenas imposição. Onde não há sequer espaço
· para entendimento e ocorre somente mera reafirmação daquilo que
· acha que já se sabe.

· Quando se polariza a discussão, só há duas alternativas, estar a
· favor ou contra. Deste modo, apagam-se todas as possibilidades de
· atravessamentos, empobrecendo por completo o assunto, bem como,
· semeia o ódio em pensamentos que divergem. Faz-se urgente pensar
· em como deslocar os conceitos tão enrijecidos, a modo de que tais
· deslocamentos produzam reflexões frutíferas para um posicionamen-
· to que reconheça a riqueza das diferenças e a necessidade da escuta.

· Aproximando os fatos do momento atual, presenciamos uma situ-
· ação política extremamente intolerante entre as partes divergentes e

uma imposição bastante machista por alguns veículos de comunicação que colocam a figura da presidente Dilma como histérica e desequilibrada nesse momento de crise. Aproveitando-se para disseminar a figura feminina enquanto alguém que não é capaz de suportar a forte pressão, desvirtuando completamente o real assunto, para partir a argumentos sem pressupostos reais. Os dispositivos de controle que circunscrevem a vida da mulher aparecem, mais uma vez, escancarados nos jornais e de modo naturalizado. No momento, é através de apelações desse tipo que justifica-se os acontecimentos políticos, evidenciando a dura herança que se carrega por ser mulher.

Como forma de provocar deslocamentos e desconstruir padrões, a arte atua também nas entrelinhas desse assuntos, potencializando um discurso muitas vezes marginalizado. Sendo capaz de mobilizar e dar-se a ver de outras maneiras, agindo no lugar do sensível, mas que se materializa com fatos extremamente concretos. A exemplo disso, somos presenteadas com o espetáculo da Cia do Miolo, que de modo absurdamente impactante, nos convoca a refletir sobre muitas questões: “Com direção de Patrícia Gifford, a montagem explora questões das violências sofridas ao corpo da mulher e as intolerâncias e discriminações a tudo que seja ligado ao feminino. De forma itinerante, as atrizes convidam o público para uma travessia pelos cômodos da casa, fazendo uma fricção entre realidade e representação. Na trama, são realizadas ações de um cotidiano doméstico, que ganham outras dimensões quando colocadas em contato com narrativas sobre a memória do lugar, além de outras narrativas como a possibilidade de que alguns corpos podem ter sido enterrados ou emparedados neste local.”

Luta-se por uma igualdade legítima e democrática, pois de partida, já vivemos em um espaço intolerante e repressor. O dissenso anuncia um convívio que deve ser escutado. Luta-se para contribuir na construção do lugar de fala do outro também.

Gisely Alves. 22 anos. Fato circunstancial e em permanente processo. Graduando-se em Comunicação das Artes do Corpo PUC-SP, com linha de formação em dança. Geminiana que toma muito chá. Em sua confusão de expectativas e metas, organiza-se para desorganizar. Possui vivências em treinamentos circenses com técnicas de portagem. Dança para sentir o vento em seus poros, como num respiro. Muitas vezes, ressoa e reverbera seu silêncio que se transborda em gestos. Atualmente está Jovem Monitora Cultural do Núcleo de Fomento à Dança da Secretaria Municipal de Cultura.

REFLEXÕES DE UMA GAROTA NEGRA

MÔNICA CONCEIÇÃO
DA CUNHA OLIVEIRA

Arbitrariamente uma série de coisas foram determinadas para nós desde o nosso nascimento. Você nasce mulher, preta, na periferia, numa família pobre e religiosa. Essa lista de coisas denota o lugar que você vai ocupar na sociedade, como sua noção de bem vai ser construída e as oportunidades serão apresentadas.

Você pode mudar de religião, de sexo, de lugar e outras coisas. Para poder ser aquilo que você julga ser e que outras pessoas não possuem o direito de te determinar, não deveriam. Há uma certa mobilidade, mas não sem ônus. Cada uma dessas mudanças vai apresentar graus diferentes de dificuldade, emocional e financeira, que eu não sou capaz, acredito que não se seja, de mensurar. Mas o que eu gostaria de falar é daquilo que eu sou minimamente capaz.

As arbitrariedades vão determinar o acesso que nós teremos às coisas, às políticas públicas e aos espaços de discussão. Se você mora no Itaim Paulista, por exemplo, e precisa passar no ginecologista. Você vai precisar dormir na fila da UBS, para com sorte conseguir marcar um agendamento para dali mais de seis meses. É determinado a partir do seu CEP o local onde você pode ir procurar atendimento. Se você, por exemplo, se mudar para o Cambuci. É só ir na UBS, sem fila, e marcar pra daqui três meses. Menos pessoas nessa região utilizam o sistema público de saúde, logo é mais fácil de conseguir o atendimento.

O local onde você mora é um critério para a sua contratação, é algo que vai ser marcante para sua formação e o acesso às coisas que possibilitam ela. Eles não darão preferência para alguém que gasta 6h no transporte público, que chega ao local cansado e que aos poucos vai tendo seu sistema imunológico destruído. Houve uma época da minha vida, por exemplo, que eu ia ao hospital todo mês, vivia à base de antibióticos e etc. No AMA só tratavam meus sintomas, não havia uma preocupação de se pensar a causa, se orientar sobre uma prevenção. Tem uma música do Racionais que diz “Tem que acreditar. Desde cedo a mãe da gente fala assim: ‘Filho, por você ser preto, você tem que ser

duas vezes melhor.” Aí passado alguns anos eu pensei: Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses... por tudo que aconteceu? Duas vezes melhor como? Ou melhora ou ser o melhor ou o pior de uma vez. E sempre foi assim. Você vai escolher o que tiver mais perto de você, o que tiver dentro da sua realidade. Você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí? Você tem que mostrar o tempo todo que você é capaz, que você aguenta, que você é forte. Você sabe o que é nascer com pontos negativos? Você já tá partindo do não. Ela tá na sua casa, ele tá na escola e em todos os lugares que você vai. E você teima, briga, grita pelo sim. Vocês acham que essa imagem estereotipada da mulher negra barraqueira e briguenta vem de onde? Gente, ninguém nos ouve, não há espaço. A mulher negra é um dos sujeitos mais deslegitimados e sem poder na sociedade, sem acesso e sendo morto. Você briga pra estudar, pra ir ao médico, pra conseguir trabalhar. É tudo tão difícil. Você duvida de você mesma o tempo todo. Você tem que tá provando o tempo todo. Você tem que tá brigando e ocupando os espaços o tempo todo. Vocês sabem o que é ser privado de uma oportunidade por ser quem você é? De te julgarem fraca pra uma coisa quando você tá brigando com o mundo só por existir? Mas a gente tá aí enchendo o saco e brigando por uma sociedade mais igualitária, com mais igualdade de oportunidades para todos os sujeitos; por isonomia. Para conseguir um espaço. Espaço este que nos é negado, a mulher negra continua sendo, para usar a expressão de Sueli Carneiro, “a última da fila depois de ninguém”. Elas simplesmente não existem, representam apenas 0,5% dos cargos de chefia ou gerência. No geral, as mulheres negras ganham em média 70% menos do que ganha o homem branco e a metade do que ganha o homem negro. Para a pergunta “qual o lugar da mulher negra na força de trabalho?”, a resposta é relativamente simples: “o mesmo lugar que sempre ocupou, a cozinha”. A luta para ocupar espaços de poder, tendo tantos dados contra, é árdua, porém não desistiremos.

Mônica Conceição da Cunha Oliveira. Mônica Oliveira é mestranda de teoria política feminista pela UNIFESP, editora da Revista Maçaneta, gestora de Comunicação do Base Social, Membro do Feminicidade e do CIG. Atuou durante o ano de 2016 como Jovem Monitora do Gabinete da SMC. Virginiana com aquele toquezinho de caos que só áries com sagitário traz”.

RODRIGO DI FABIO NASCIMENTO

São Paulo. Século XXI.

Muito se tem modificado na nossa terrinha da garoa com o passar do tempo; celulares, carros, casas modernas, computadores... É gritante notar que a única mudança progressista que aconteceu na sociedade foram as evoluções tecnológicas, que cada vez mais ultrapassa o poder de supérfluo e ganha poder de necessário.

O preto e a preta perambulam entre quebradas e quebradas.

Junto com a computadorização desenfreada, a cidade cresceu na mesma perspectiva desenvolvimentista, aglutinando pessoas de todos os lugares do Brasil e do mundo e, com o final do séc. XIX tendo o fim burocrático da escravidão, nossa comunidade passou por um processo massivo de descentralização, ficando todos nos extremos dos extremos da grande São Paulo (Guaianases, Carapicuíba, Parelheiros, et cetera).

Podemos traçar muitos paralelos com essa lógica burguesa de centralização da renda, principalmente em um momento em que a França assume seu posto de principal país do mundo ocidental, sinônimo da beleza e do bom gosto. Brasil e Argentina tem sua rivalidade não iniciada no futebol, mas sim, em qual país mais se parece com a “maravilhosa” Paris. Paris, arquitetura modernista, bulevares, centro de pessoas ricas, centro de pessoas brancas. É isso, copiamos a arquitetura moderna parisiense, e pusemos toda a escória longe de onde os brancos ficam.

Majoritariamente pobre.

Majoritariamente não, aqui no Brasil, todos os pretos e pretas quando saíram do regime escravagista eram absolutamente pobres. Miseráveis na verdade.

Aconteceu que deixamos de morar nas fazendas e tivemos que construir nossos barracos onde tinha lugar. Na quebrada.

Sem oportunidade de emprego digno, sem aceitação no meio dos brancos que detinham o capital, sem escolas, sem saúde, sem saneamento, sem comida, sem respeito, sem liberdade.

Se precisa de dinheiro pra viver, e precisa trabalhar pra ter dinheiro, e não davam emprego pra nós, o que íamos fazer? – “Todo preto é ladrão.” Não.

Sempre foi assim. Desde os raptos.

Ratos.

Sempre nos separaram. Sempre disseram o que devíamos ou não fazer.

Sem termos muito o que fazer, obedecemos.

Não sempre, temos nossos mártires.

Mártires servem pra mostrar que a vida não é fácil.

Hoje em São Paulo tem tanta gente que ninguém mais é brasileiro; quando é, usa uniforme da seleção e reclama das injustiças sociais.

Bonito se não fosse hipócrita.

Receita:

No centro temos um panelão com temperos nigerianos, bolivianos, japoneses, italianos, judeus, congolenses, haitianos... O centro poderia se chamar feijoada.

No extremo leste temos grande parte de imigrantes africanos obtendo suas residências, igual quando aprovaram a Lei Áurea.

Muita coisa está errada.

Por quê?

Porque querem ficar mais rico a cada dia.

E o que tem demais?

“Todo mundo já conhece: é que o de cima sobe e o de baixo desce.”

Mas por quê?

Porque o dinheiro tem uma lógica de não ser inacabável, então se tem alguém que quer ter muito, muitos terão pouco.

Tá, mas e os brancos hoje?

Já sabemos tudo o que eles gostam durante toda nossa escola e na mídia aberta que tivemos ou temos em nossas casas. Quero falar sobre os pretos hoje.

Os pretos hoje em dia vivem constantemente buscando sua identidade que fora marginalizada junto consigo durante toda a história, e paralelamente, talvez com até mais fervor, luta diariamente contra o racismo, valorizando o que é nosso, sendo quem quiser ser, estando em todos os lugares sociais porque fazemos parte, e grande parte da cultura que essa comunidade consome tem raízes africanas. É tudo nosso.

Estamos ocupando universidades, estamos na presidência do país mais rico do planeta. A história sempre é mutável, e sempre devemos lutar pelos nossos ideais. Resistir sempre.

Rodrigo Di Fabio Nascimento. Ator, estudante de artes cênicas. Nasci na cidade de São Paulo. Comecei a fazer teatro com 16 anos na cidade de São Pedro no interior de São Paulo, onde trabalhamos com teatro popular, normalmente de rua. De lá vim pra cidade de São Paulo onde estudo na Unesp. Jovem Monitor na Casa de Cultura Raul Seixas.

CASAS DE CULTURA E O PROJETO DE CIDADANIA CULTURAL

CAROLINA MATIAS

A implantação das Casas de Cultura em São Paulo se deu no período de 1989-1992. Foi um processo rico de democratização cultural, caracterizado como Cidadania Cultural. Promovia a criação e formação de novos valores, práticas e significados culturais, tanto quanto a formação. Cabia à Secretaria Municipal da Cultura fornecer condições para que a população pudesse exercer seus direitos. Uma das finalidades da implantação era acabar com a ideia econômica, geográfica e sociocultural de centro – periferia. Outra era promover o trabalho conjunto/coletivo, com o objetivo de promover trocas de experiência, além de maior interação de todos os grupos e classes sociais ao meio. Por fim vinha a responsabilidade da SMC, embutida ao interesse da população.

A proposta de “Casas de Cultura” vinha com a formação de operadores culturais com caráter crítico e argumentativo. Junto a isto, a incorporação da lógica dos movimentos culturais e sociais e ser um espaço de trabalho coletivo. Nesse espaço, seriam abertos temas para a reflexão, a crítica, a política, a cultura e a arte. Os temas agregariam-se à realidade local.

No início, a proposta de implantação das Casas de Cultura estava dentro de um planejamento restrito ao gabinete da Secretaria e isso englobava, também, dificuldades orçamentárias. Houve a reprodução, no primeiro momento, do modelo dos Centros Culturais. Outras propostas levariam à discussão da Política Cultural e Cultura, isso em São Paulo. O primeiro levantamento era o da possibilidade de se trabalhar com a produção local e regional emergente. Propostas como produção de mostras, oficinas e workshops com linguagens diversas possibilitariam a diversidade e a instantaneidade da produção cultural das várias regiões de São Paulo. O segundo levantamento vinha com a necessidade de se trabalhar com temas de interesses locais para grupos sociais diferentes, com uma formação geral, porém crítica. Mesmo

com as dificuldades financeiras e estruturais das Casas de Cultura, o intuito era o de manter um espaço de integração das pequenas produções. As Casas também deveriam estar à disposição desses grupos pequenos, em que davam suporte mínimo de infraestrutura.

As precariedades no desenvolvimento e na consolidação das atividades eram uma proposta ainda a ser definida. Existiam dificuldades na área administrativa com a política centralizadora e projetos arquitetônicos. Poucas eram as condições estruturais.

A participação da população (de baixa renda dos bairros mais periféricos) tem um papel importante. Era um grande passo para a integração de uma parcela da população marginalizada. Os trabalhos nas Casas de Cultura não vinham com a ideia de incorporação política populista e de lentidão burocrática, para não esvaziar o trabalho de ação e Cidadania Cultural.

As ideias, propostas e sugestões dos usuários das casas se resumem no anseio por maiores participações da sociedade local, tanto da parte da terceira idade quanto da infantojuvenil. Levantam, também, que se tenha maiores divulgações e mais eventos aos fins de semana.

Texto de referência. Barreto, Paulo Sérgio. Casas de Cultura e o Projeto de Cidadania Cultural. In: Faria, Hamilton e Souza, Valmir de. *Cidadania Cultural em São Paulo -1989-1992*. Leituras de uma política pública. São Paulo: Instituto Pólis, Revista Pólis n. 28, 1997, p. 61-69.

Carolina Matias, 20, cineasta nas horas vagas e amante de gatos. Taurina, vegetariana e lunática. Fernando Pessoa lhe descreve: “Sem mim, o sol nasce e se apaga; sem mim a chuva cai e o vento geme. Não são por mim as estações, nem o curso dos meses, nem a passagem das horas. Dono do mundo em mim, como de terras que não posso trazer comigo. Jovem Monitora Cultural na Casa de Cultura Cora Coralina.

No meio de Santo Amaro existe uma casa, Casa Amarela, Paço Cultural, paço de palácio. Confundida com a subprefeitura, com a igreja amarela, a casa é um pouquinho de tudo que existe ali. É comércio com a feirinha de artesanato, é a praça que oferece sombra, descanso e wi-fi, aos passantes, aos moradores de rua, as moças que precisam vender um pouco de si mesmas ali, a casa é a bonita escada com suas curvas que se enquadra perfeitamente com a entrada do espaço, magnífica arte de curvas. A casa é a Vitória desenhando, as pessoas dançando, são os instrumentos, as paredes rachadas, a textura das mesas e das janelas quebradas, é o pássaro feito de fita adesiva, o lápis que marca a quina da parede. A casa são os artistas que ali entram, as risadas e alegria de quem agradece pela oportunidade de ter o que lhes é negado. Por falar nisso, a casa também é os bancos vazios que ouvem e veem, solitário, os espetáculos. A casa são os velhinhos no baile, especialmente arrumados para estar ali, com suas melhores roupas, dançando alheios a toda tristeza que a vida lhes proporcionou, mas não sempre, quando toca aquela música, ah que saudade de não sei o quê, mas que lhes entristece toda a fisionomia e ser. A casa são os funcionários, alguns que até conheceram o Júlio. O Júlio é a casa também, homenageado, mas não é a estátua do Júlio que está lá na frente, é a estátua do Carlos da Silva, que eu não sei quem é. A casa é a casa do João de Barro, os livros na estante, os bonecos gigantes, os fantoches, os pregos, os tios do dominó. A casa são os painéis de grafite, no grafite um texto, no texto sensatez, sensatez de cabeça para baixo, da placa virada. A casa é vazio, os espaços, chão de madeira, a casa são os passantes, é o banheiro de improviso. A casa são as árvores e as formigas trabalhando nela. A casa já foi subprefeitura, já foi cadeia, a casa sofrida, como sofrido é o seu público. A casa não é conhecida, é linda, mas não conhecida, nem eu mesma a sabia, e de todos que pergunto se a conhecem, a conhecem como qualquer coisa que lá exista, menos com cultura. Triste casa que não exhibe o que ali vive. A casa é o cenário de novela, ensaios de teatro, pausa dos trabalhadores no almoço. A pena é a casa não ser cheia. No dia

que mais encheu, a casa foi ponto turístico de italianos e que bom! Mas que bom seria se fosse cheio dessas pessoas que são donas dela. Certo dia o Robert, de oito anos, me perguntou de quem era a casa, eu bem tonta e de pensamento lerdo falei que não era de ninguém. Aqui a casa são minhas observações, meus sentimentos, meu apego, minha visão e apropriação dela, mas a casa é mesmo a resposta que a Amanda deu para o Robert, a casa é de todo mundo, a casa é nossa! E é por ser nossa que a casa não pode ser menos do que um pouco de cada um de nós.

Daniela Costa. É constante mudança guiada por seus três princípios básicos: simplicidade, honestidade e autenticidade. Apaixonada por Drummond. Péssima em se expressar. Sua maior esperança: ter uma vida alternativa ao atual modelo capitalista. Jovem Monitora na Casa de Cultura Júlio Guerra.

ENTREVISTA COM CARLA OLIVEIRA DA SILVA

ROTEIRO ENTREVISTA:
KAROLINE ARAUJO,
WILLIAN MARQUES

Meu nome é Carla Oliveira da Silva, meu apelido é Xuxa, não era pra ser Xuxa, era pra ser Chuchu, mas meu irmão quando era pequenininho ficava “Mãe, é xuxa, xuxa, xuxa”, aí ficou Xuxa, todos que me conhecem me chamam assim. Nasci em São Paulo, na Penha, e moro no Jardim das Oliveiras. Trabalho em São Miguel, na Casa de Cultura. Tenho 39 anos e sou amasiada, enrolada, misturada.

Eu gosto do Jardim das Oliveiras porque é bem movimentado, é muito bom, o lugar que mais frequento é o Parque Santa Amélia, tem bastante eventos lá, eu vou lá e levo meus filhos. Em São Miguel frequento mais a pracinha em frente [a Casa de Cultura], no horário de almoço, saio um pouquinho lá e volto. O que não gosto no meu bairro é a discriminação a homossexuais, a mulheres lésbicas, porque eu tenho um filho homossexual, fiquei sabendo há um ano atrás, bati nele, mas assim, foi porque eu dei oportunidade pra ele conversar comigo, mãe sente quando seu filho tem, assim, alguma coisa diferente. Aqui [na Casa de Cultura] eu não gosto de comentar muito porque eu já vi muitas pessoas com preconceito, eu evito o máximo falar sobre meu filho, ele até veio aqui uma vez. Desde que descobri tem sido normal, eu falo dele, mas não admito que venham falar, se vier falar eu vou com unhas e dentes, não quero saber quem seja. Dou muito apoio pra ele, converso muito com ele, explico a situação como é. Todo mundo já sabe, uns apoiaram, outros criticaram, mas eu não tô nem aí, eu sou mãe então eu tenho que apoiar o meu filho independente de qualquer situação.

Eu tenho medo de morte porque acontecem muitas mortes, encontra pelo *face* ou pelo whatsapp mesmo, aí marca um encontro com o rapaz e quando chega lá não é nada disso, aí quer matar; estuprar, mata e já era. Converso muito com ele sobre isso, falo pra ele tomar muito cuidado, se for pra conhecer uma pessoa vai em um lugar público, vê se é isso mesmo. Ele tem 19 anos e tenho mais três filhos, o de 18, o de

8 e o de 15, só homens e um meio que mulher, meia mulher. Ele me ajuda bastante, quando venho trabalhar ele olha meu filho de 8 anos, ele limpa a casa, lava a roupa, faz comida, quando eu chego a janta tá pronta, ele é o mais velho e o que mais me apoia também.

Eu gosto de fazer unha, porque eu sou manicure, mas devido ao serviço que eu tô, eu parei um pouco. Fiquei um ano e dois meses em um salão lá perto da minha casa, mas trabalhar registrado é melhor porque autônoma você pode fazer aquele dinheiro sim ou não, não pode contar muito com aquele dinheiro, fora que você tem que dar a porcentagem pra dona do salão, aí fica complicado.

Trabalhando como funcionária de limpeza eu já achei coisas estranhas, estranhas porque você não vai achar um negócio desse no lixo, novo: eu achei um pênis de borracha novinho, na caixa, no fórum onde eu trabalhava. Eu fiquei assim, pasma, aí eu cheguei com aquele negócio assim e a menina falou “Quer vender?”, e ela “Eu quero, eu quero!”, aí falei “Ó, cem conto!”, ela me deu cem conto na hora e eu vendi pra ela o pênis de borracha.

Eu já trabalhei também dois anos e dois meses em um fórum, e aqui tem um ano e cinco meses e a qualquer momento eles podem trocar de lugar, eu não gostaria, mas fazer o quê, acontece. Aqui é muito perto, eu venho de ônibus. Lá no Fórum eu pegava o primeiro ônibus porque eu tinha que tá lá 6 horas, fiquei dois anos e dois meses trabalhando assim. Aí Deus arrumou esse servicinho pra mim, todo mundo fala que milagre não existe, existe sim porque esse serviço bateu na minha porta “Aí você vai esperar o serviço bater na sua porta?”, falavam, mas eu esperei e esse bateu. Foi através de um conhecido meu que me arrumou aqui, por isso que eu tô aqui. Quando cheguei teve preconceito [por eu ser da limpeza], porque ninguém me conhece, então fica meio assim, apreensivo, mas tem sim, um pouquinho, sempre tem, em qualquer lugar, não é só aqui, sempre trabalhei de limpeza, então não é só aqui, Casa de Cultura, Fórum, escola, sempre tem, tem umas pessoas que passam cumprimentam, outras que passam que fingem que você não existe.

Um dos lugares que mais gostei de trabalhar foi em um outro fórum na Sé, porque lá eu conheci muita gente diferente, conheci uma juíza que me deu uma força grande, assim, eu tenho muita saudade.

Eu comecei a trabalhar lá porque eu tava quase entrando em depressão, devido a minha mãe que faleceu, eu tava debilitada, então esse serviço veio pra me erguer, muita gente me apoiou ali. A juíza me ajudou sobre o negócio do meu filho, o pai dele veio, pediu pra ficar um ano com ele, pra conhecer o menino, eu deixei, ele veio, registrou meu filho, aí ele pediu pra não deixar mais o pai o levar, porque ele não queria, queria ficar comigo. O pai levou ele sem minha autorização, eu cheguei nessa juíza e expliquei essa situação, ela falou assim “Ó, Carla, tudo que eu for falar pra você, você vai fazer”, ela mandou eu ir na delegacia fazer boletim de ocorrência como sequestro, porque a partir do momento que você não deixa, é um sequestro, então foi isso. Aí teve um dia que eu liguei pra casa dele, ele tinha sido preso e meu filho tava com a mulher dele, que eu não conheço, nunca vi na minha frente. A juíza me deu o dinheiro pra eu ir, me deu 800 reais, ela marcou o dia da passagem pra eu ir, tudo direitinho. Ele levou meu filho pra São José do Rio Preto, um lugar que eu nunca tinha pisado na minha vida, pra você ver como a gente é mãe e a responsabilidade é grande. Eu trouxe ele de volta com a roupa que ele saiu daqui, não peguei nada, falei “Ó, não quero nada que tem aí, só quero meu filho” e trouxe ele. Ela falou “Eu te dou até meio dia do outro dia pra você aparecer com esse menino, porque se você não aparecer eu vou acionar o pessoal do São José do Rio Preto”, aí meio dia eu fui no fórum com ele, foi essa força que ela me deu. Depois eu nem fui atrás de pensão, essas coisas, não, eu pedi pra ele “Ó, se afasta do meu filho” e já era. Eu que sustento meus filhos sem pensão, só trabalhando, ralando.

Lembro que quando eu tinha uns 15 pra 16 anos, eu morava lá no Conjunto Habitacional Encosta Norte, no Itaim Paulista e lá tinha um morro bem grande, lá em cima no topo tinha uma casinha, aí falavam assim “Não vai lá não, porque o Chico Pé de Pato mora lá”, mas como eu era adolescente, todo adolescente quer saber o que tinha ali. Foi eu e minha outra colega, Sandrinha, fomos lá, só que não tinha mais nada, tava só a casa dele, cheguei lá tinha um negócio de barro, um prato de barro, e uma latinha, aí nós pegamos e quebramos tudinho a casa dele, pra ele não voltar. Nós não sabemos se ele voltou, mas também isso faz tempo. Nós botamos fogo, aí, coitado, ainda bem que ele não está mais vivo, se não ele ia querer bater em nós. Eu era

adolescente, assim, bem rebelde, tudo que via queria quebrar, queria botar fogo. Todo mundo tinha medo do Chico Pé de Pato porque ele era justiceiro, matava mesmo, não tava nem aí, quando falava “Chico Pé de Pato”, o povo já ficava já tudo assustado. Eu não cheguei a ver ele, mas eu cheguei na casa dele, botar fogo, essas coisas (risos).

Entrevista:

Karoline Alves de Araujo. É formada em Gestão Ambiental na USP Leste, sempre morou na zona leste, atualmente mora no bairro Vila Jacuí. Se aproximou da metodologia de histórias orais de vida em seu projeto de formatura sobre participação de mulheres e desigualdade de gênero. Gosta de séries e textões, é feminista radical, vegetariana e jogadora de Rugby. Jovem Monitora na Casa de Cultura São Miguel-Antonio Marcos.

Fotografia:

Willian Marques. 28 anos, Jovem Monitor da Casa de Cultura São Miguel e morador da Vila Jacuí, zona leste da cidade de São Paulo. Estudante de Audiovisual, apaixonado por fotografia, filmes, livros e esportes. Corintiano e canceriano, pois, sim, gostamos de sofrer.”

Revisão de texto: Naldo Santos

Transcrição: Karoline Araujo

8ª CARTA DE SUICÍDIO OU DESSA VEZ VAI!

POR ANTÔNIO BARBARINI*

O dia está horrível. O café acabou aqui em casa, meu cachorro sumiu faz uma semana. É a terceira vez que ele foge. O Luís veio aqui ontem e me disse que conseguiu a bolsa de intercâmbio pra França e que vai tomar o avião na última sexta de fevereiro. – Ele podia escolher qualquer país do mundo e tem logo que pegar a porra da França? –

O dia está chuvoso. São Paulo me anima – ao suicídio, sempre. Desde o primeiro dia em que vim pra esse buraco vi que era uma terra abençoada pelos santos da contracultura celeste, os padroeiros do anti-cristo. Além do mais, quem foi Paulo na Bíblia? Vejam bem, antes de ser um dos pais da igreja católica, o cara vivia metendo a peixeira na cacunda dos cristões. Passava a faca, como diz o poeta.

Logo, que breve análise pode-se tirar deste facto? São Paulo, é, antes de tudo, uma cidade que carrega consigo o nome dum homicida, um assassino *a lo sangue frio*, dum frívola da melhor espécie. A metrópole exalta o nome que carrega e, além de tudo, exalta-se a si mesma como sendo o melhor lugar para se viver nessa terra tupiniquim de gente feia e de raça misturada. Onde se não fosse o Borba Gato e o Fernão Dias essa bosta desse país ainda seria um grande pedaço de mato e de bichos. Concordemos, o dia está lindo não?

Na última carta que escrevi falei sobre uma goteira que tinha em casa e que ficava bem em cima do ventilador. Fiquei alguns meses sem ligar o ventilador, que mais parecia um helicóptero, de tanto barulho que fazia. Não tinha os tais quarenta reais pra chamar o pedreiro e ele vir consertar a goteira e tal, já que ia dividir com o vizinho de cima, o Luis – eu já falei nele? *O vizinho de cima*, acho que fiz toda essa volta para dele falar e dedicá-lo essa minha definitiva última de adeus.

Ô Luís, qual é a tua? Você vem aqui em casa num domingo às quatro da tarde, de cueca samba-canção, com o peito de fora, me per-

guntar se eu tenho farinha pra te emprestar? Tudo bem que eu interpretei mal a pergunta num primeiro momento e vi que você só queria fazer um bolo de achocolatado e tudo mais. Mas, porra? Tudo bem pra você? Tudo bem pra você a gente ter trepado o domingo inteiro depois da farinha, ido naquele Extra, lá onde o judas perdeu a fé, pra você tentar roubar um queijinho miserável e acabar pego. Burro.

Quem teve que pagar a merda da fiança? Oito mil. O I T O M I L, Luís?? Estou até hoje quebrando meu cu pra pagar essa maldita fiança. Luís. Depois daquela trepada de domingo e prisão de segunda, feira e categoria, tu te lembrás que começamos a namorar? Tu te lembrás que tu te ajuntou comigo, que a gente passava o tempo todo junto? A gente passava o tempo todo junto, Luís. Luís, você se lembra que a gente tinha um plano, de viver junto longe desse inferno, sem o Quincas – ex-namorado – vindo aqui te encher o saco pedindo pra voltar. Era necessário eu ter dado aquele pau nele? Luís, você acha que foi mesmo necessário eu quebrar nove ossos da cara do rapaz só porque você não tinha a coragem de virar pra ele e dizer que não o amava mais?

Luís, você me prometeu que não ia deixar que eu tentasse mais beber veneno de rato, lacerar o antebraço, injetar sapólio, assistir Faustão e tudo mais? Você disse que a gente ia ser amigo pra sempre, mesmo que um tivesse já com uma outra pessoa. Mas, na quarta-feira passada, passados quase seis meses que você voltou com o filho da puta, qual foi a necessidade, tu tendo a consciência de que eu estou indo numa merda de um caps, tentar resolver a minha profunda depressão, e o meu cachorro fugitivo talvez já falecido – ele é meio lerdo – a necessidade de tu me mandar um MMS com uma foto sua, pelado? Você fez uma tatuagem, Luís? Cara, você sempre me disse que odiava tatuagem, só faria depois de morto. Você morreu, Luís? E, peraí, cara, quem manda MMS? Eu tenho celular fazem treze anos e nunca ninguém me mandou essa bosta, e você ainda me mandou a cobrar, seu lixo.

Luís, é por essas e outras que eu te dedico essa carta, a minha oitava. O que significa mesmo o *oitavo*, seu numerólogo de quinta? É o infinito ao contrário, como você me disse uma vez enquanto a gente viajava pra Minas. Agora você vai ter o infinito de amor, felicidade e paz, só que tudo ao contrário. Curta bem toda a efemeridade que

merece, junto ao seu amiguinho de cara murcha, sem os pré molares todos que eu mesmo arranquei.

Agora alguns esclarecimentos:

Eu sempre fui uma pessoa calma. Calmíssima. Eu fui budista e espírita então todos sabem que sou bem tranquilo. Mas, MMS? Que nível é esse. Baixo, baixo e baixo, mais baixo. O mais duro é saber que sempre dediquei minhas cartas para pessoas que amei. Isso dói. Menos a minha primeira, com nove anos, que dediquei ao São Cosmedamião por não ter me dado balinhas – sou diabético e minha mãe nunca me deixou comer açúcar e nem jogar bola na rua. Contudo, fico deveras feliz em saber que alguém fica tocado ao saber que estive numa dedicatória suicida, esta raça tão odiada quanto os que gostam de passar a unha na parede pra fazer aquele barulho agoniante e aqueles que gostam de jota quest. Fico imensamente feliz com o peso que cai sobre a consciência moral daqueles que têm seus nomes citados em atestados de óbito autobiográficos, como este.

Espero que tudo fique bem com o mundo. Quero que São Paulo exploda e se afunde sozinha. Que os frutos podres desta cidade apodreçam nela, pois este é o lugar para isso, este é o lugar para a auto-decomposição espiritual, mental e corporal dos *brasileiros* que querem o progresso do país e da vida moderna.

Viva aos corajosos que saltaram do Copan,
aqui vou eu, já que a naftalina não dá mais certo.

Mas, antes do Adeus:

Luís, volte para Minas, seja feliz.

Antônio B.

*Antônio Barbarini nasceu em maio de 78, no interior do Mato Grosso. Foi jogador de ping-pong, leitor de panfletos de compro ouro, ajudante da professora na escolinha e professor de informática num daqueles lugares que ligam ofertando cursos de graça, em Perus. Canceriano que era, não sabia

nada de astrologia muito menos que dava pra ver além da terra algumas estrelas tão longe que nem dá pra contar nos dedos. Amou e viveu depressivo, paranóico e muito feliz. Tentava suicidar-se com frequência e morreu em 09/06/2012, tendo pulado do oitavo andar da quitenete em que vivia na Santa Cecília. Sem saber era poeta, existencialista, psicólogo e eletricitista.

Pedro Caldeira de Carvalho. Tenta fazer poesia, mas sempre que tropeça na pedra drummondiana deixa que façam os que sabem fazer. Já Antônio Barbarini é um dos disfarces, heterônimos e pseudônimos de Pedro. Se arrisca na crônica e nos diálogos, não lamenta. Paranaense, foi garçom e balconista, hoje estuda Ciências Sociais, jogado ao léu das An(ti) tropologias. Criou-se no mato, neto de baianos e paulistas, mas hoje é habitante do cantão da Pirituba, na zona norte-oeste de São Paulo. Atua em espaços culturais da Zona Sul e ainda não tem data marcada para o suicídio. Para contatos maiores o e-mail serve:barbinipetro@gmail.com. Jovem Monitor Cultural no Teatro Paulo Eiró. Pedro está hoje um Jovem Monitor Cultural errante.

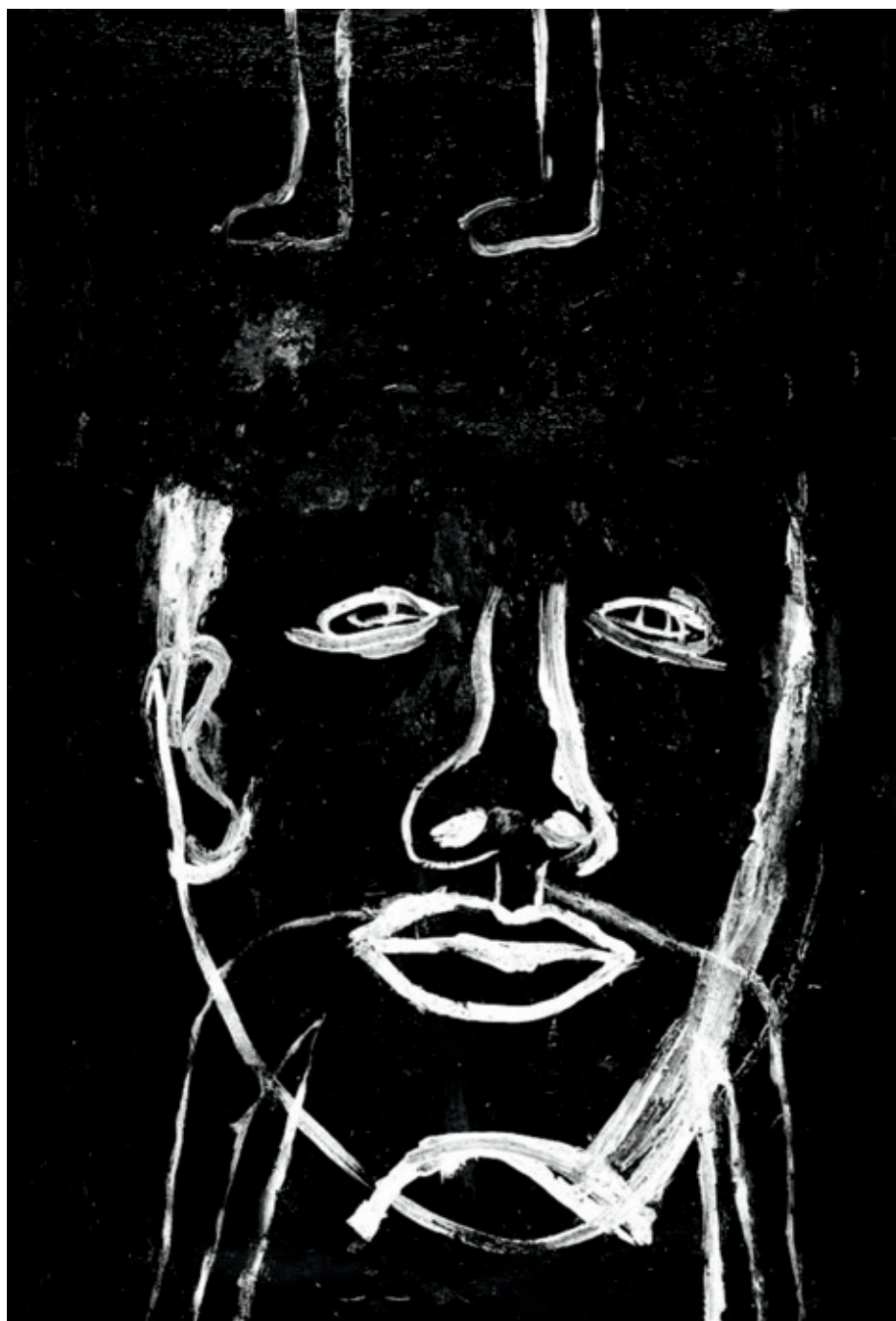


IMAGINÁRIOS

LARICE BARBOSA



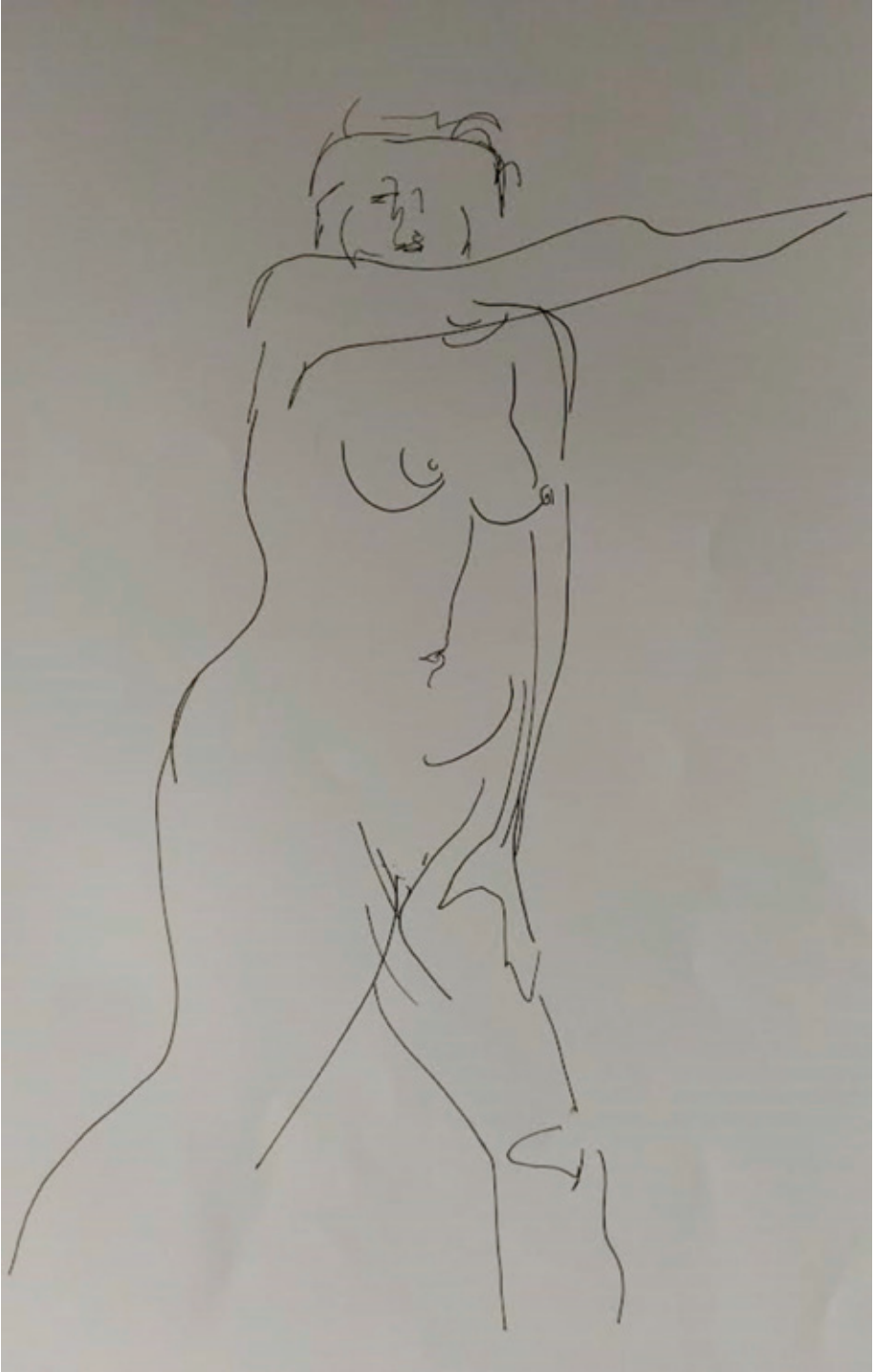
Larice Barbosa, 25 anos, é formada em Comunicação Visual e planeja continuar os estudos em arte e educação. Vive na cidade de São Paulo, mas dentro de casa é nordestina. Desde cedo com o incentivo da mãe para desenhar nas paredes do quarto até a adolescência, quando passou a adotar artifícios de produção criativa para entrar em contato consigo mesma, fotografia e desenho tornaram-se cada vez mais presentes em sua rotina. Hoje explora diferentes técnicas e temáticas, se desapegando aos poucos de noções de “perfeição” e “correto” para dar liberdade a produções mais espontâneas e suscetíveis ao erro, ao desregulado e instintivo. Jovem Monitora na Divisão de Programação da SMC.



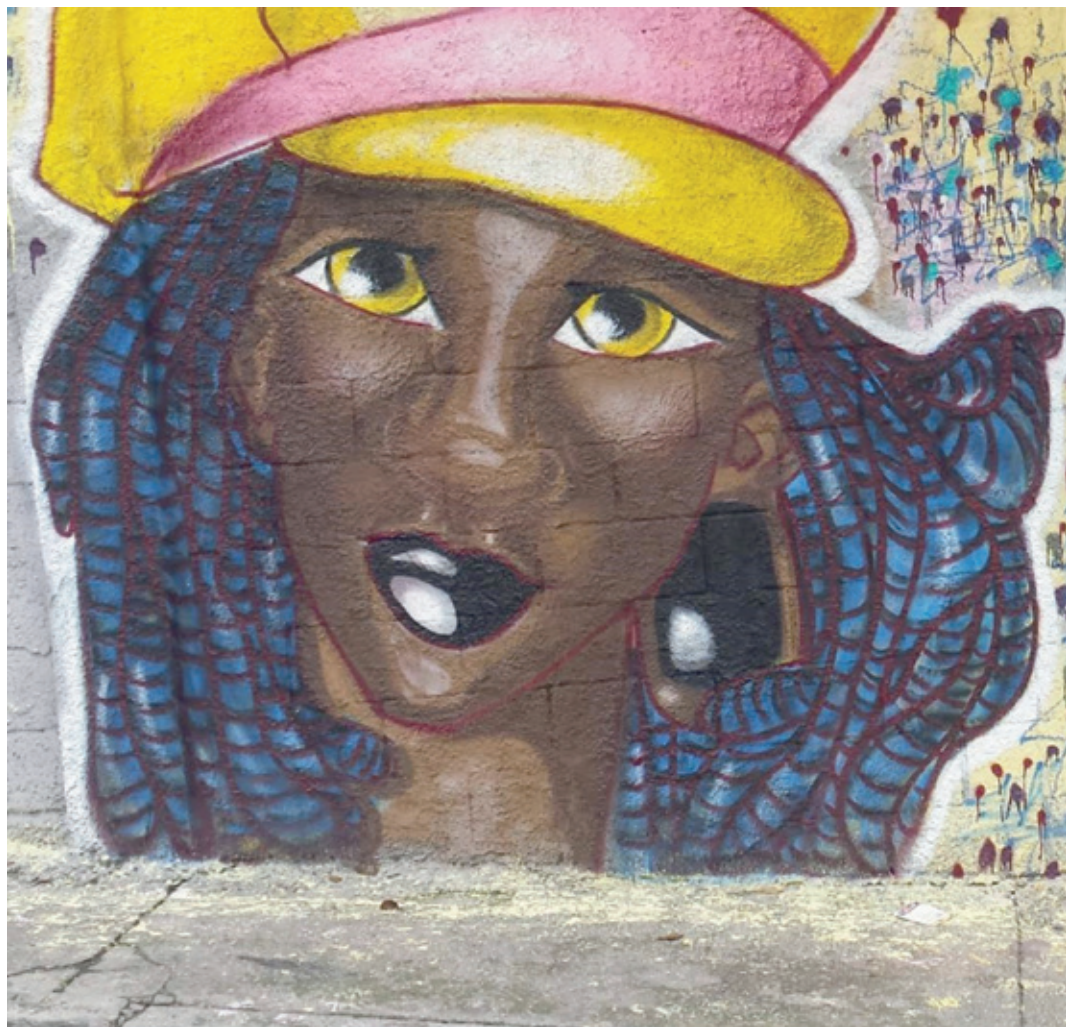
CAROLINA POMA ROSSI



Meu nome é Carolina Poma Rossi, nasci em 10 de maio de 1996, em São Paulo. Sempre vivi na cidade grande, onde aprendi algumas formas de escapar do cotidiano. Uma delas é desenhando, a outra é escrevendo cartas para amigos de outros estados do Brasil. Atualmente estudo Arquitetura e Urbanismo e, como JMC, me aproximo do meu bairro: de suas histórias, peculiaridades e vidas.



ANDRÉ BENELLI



André Benelli é oriundo do bairro Jd. Alto da Riviera, zona sul de São Paulo, iniciou seu caminho nas artes ainda na infância, produzindo desenhos como robe, devido ao maior contato com o graffiti, em 1998, aos 10 anos, passa a desenhar de forma diferente, por conta das influências da arte de rua. Em 2010 inicia-se a trajetória com o Coletivo Fora de Frequência, como um dos graffiteiros e arte educadores... É Jovem Monitor na Cidadania Cultural.



VITÓRIA SAYURI MINE



Vitória Sayuri Mine. Tenho 19 anos e sou estudante de Arquitetura e Urbanismo. A arte sempre me moveu de todos os modos, eu atuo nela, eu estudo nela, eu vivo dela. Minha base, veio da minha família, essa ligação que eu tenho com o desenho veio com meu irmão, arte manual com meu pai e minha irmã e minha mãe sempre apoiando, foram meus pilares para eu formar meu pensamento e recriá-lo no papel, na música e na dança. Sou Jovem Monitora do Tendal da Lapa.



KAMILA
OLIVEIRA

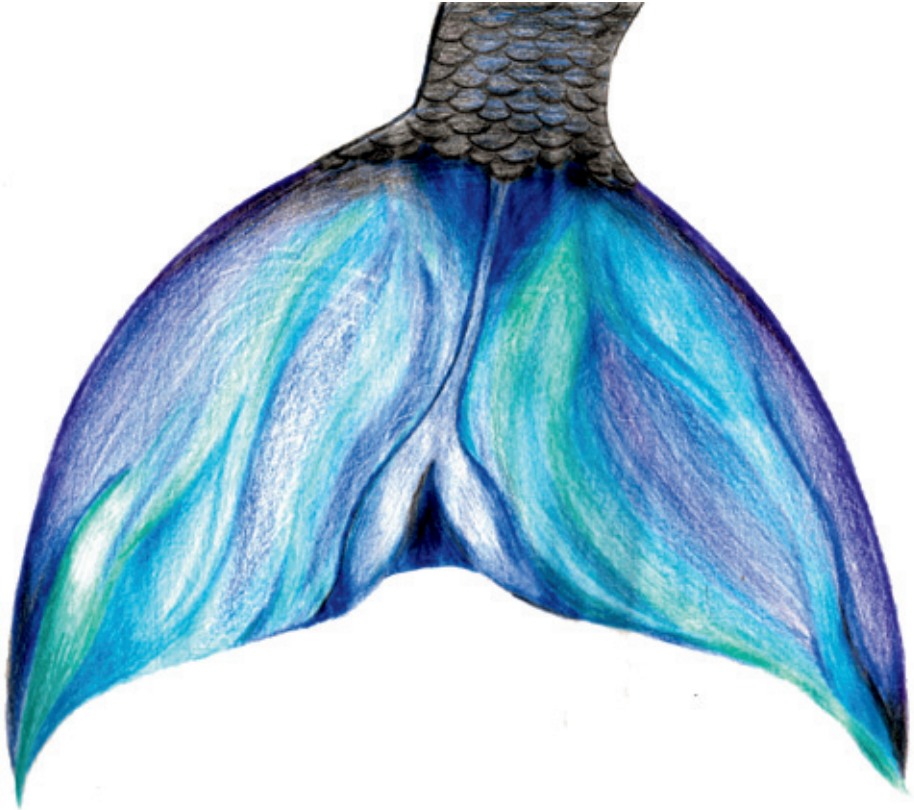
Nos acha chatas?



Imagine nossas filhas!

M . Y . A

Kamila Oliveira. Designer aspirante a ilustradora e produtora audiovisual em ascensão nascida e criada na periferia do extremo leste de São Paulo. Grande observadora das transformações ocorridas no mundo e difundidas pelas redes sociais. Forte entusiasta de que essas revoluções cruzem a fronteira do virtual para o real. Esperançosa sobre a próxima geração de mulheres negras que começa a florescer. Jovem Monitora Cultural do Centro de Formação Cultural da Cidade Tiradentes.



Ana Paula Pinez. Nascida e crescida na beira do mar, sou uma caçara na selva de pedra. Moro em São Paulo há 3 anos, e vez em quando gosto de desenhar coisas que lembram o meu cantinho. Jovem Monitora Cultural do Centro Cultural da Penha.

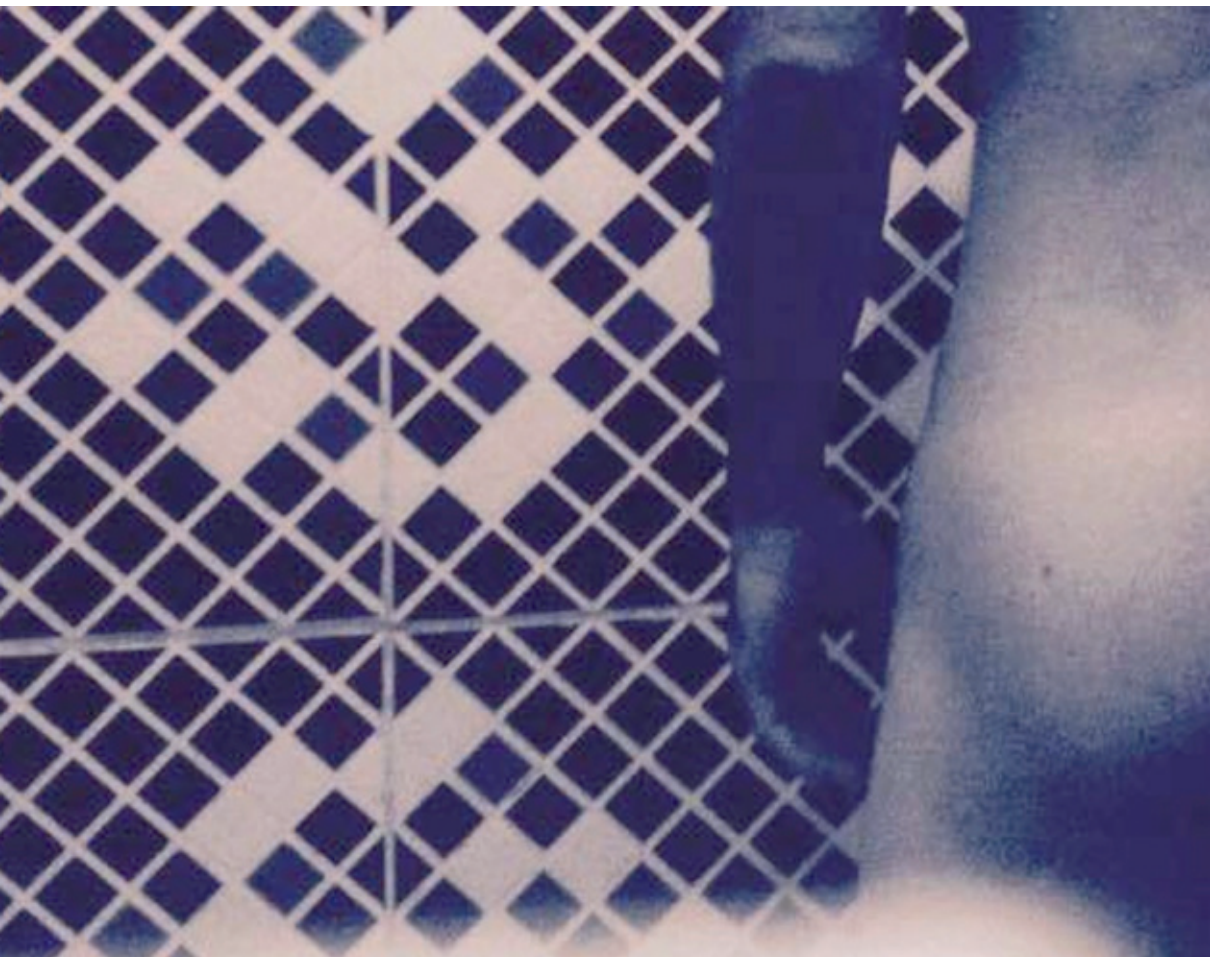


Futebol nas veias

Aline Lacerda Foch. Cientista social em formação e aspirante a fotógrafa amadora =). Jovem Monitora Cultural da EMIA.



JEFFERSON CARVALHO



Jeferson Carvalho. 26 anos, nascido no primeiro dia de Virgem 23/08, reside na região de Santo Amaro (Sul), estudante de Ciências Sociais e Políticas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), iniciou no PJMC em Julho de 2016, atua na Divisão de Programação na Galeria Olido (Centro).

A fotografia captura um instante do infinito que
somos e o dimensiona em eternidade



*Deita-me em verdes pastos e guia-me mansamente
em águas tranquilas.* (Davi - Salmo 23, 2)



A natureza evangeliza o olhar, 2015 | Guaratinguetá/SP

Gustavo Lion (São Paulo, 28/08/1994). Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de São Paulo com concentração de estudos em Patrimônio Cultural (2016). Pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo possui certificação em História da Arte Sacra (2016). No Núcleo de Estudos Ibéricos da EFLCH-UNIFESP realizou pesquisa sobre a obra História Eclesiástica Indiana de Géronimo de Mendieta (2015). Participou do curso de extensão universitária em Arte Sacra e Bens Culturais da Faculdade de São Bento de São Paulo (2014). Tem interesse pelos temas de educação, cultura e religião. Jovem Monitor Cultural no Teatro João Caetano.

*Onde há paciência e humildade, não há ira nem perturbação.
Onde há quietude e meditação, não há afã nem divagação.*
(Admoestações de São Francisco de Assis 27, 2.4)



A vida é como uma vela

ARTUR FIGUEROA

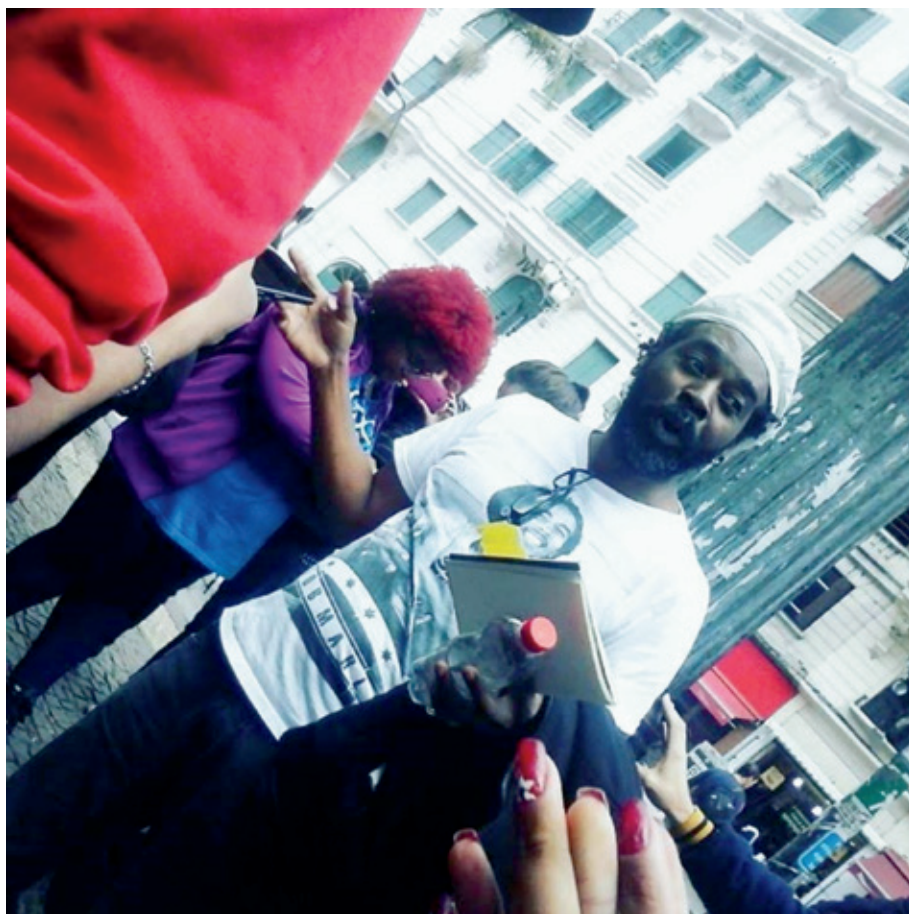


Artur Figueroa. Nascido na zona norte de SP filho de nordestinos,tive uma criação bem dividida entre brincar na rua e rabiscar em papéis. Isso me inspirou a continuar na cultura de rua sempre bebendo em varias formas de expressão de arte. Jovem Monitor Cultural da Casa de Cultura do Tremembé.



Rodrigo Ramos Silva. Estudante de História na PUC-SP. "O segredo não é descobrir o que as pessoas escondem, e sim entender o que elas nos mostram." Jovem Monitor Cultural na Casa de Cultura Itaim Paulista.

CAMILA
MARTINS



Camila Martins. Jovem Monitora no Centro Cultural Palhaço Carequinha



Irmandade, a comunhão e boa relação entre as pessoas que desenvolvem sentimentos afetuosos entre si, como se fossem irmãos ou membros de uma mesma família. E é simplesmente isso que Karol, (essa libriana, vegetariana, jogadora de Rubby) e Mary, (leonina, da moda e maluça) são pra mim. Minhas irmãs!

Fani Trindade, 23 anos, estudante de Cinema, fundadora do Coletivo Migas periféricas, onde tratamos das questões LGBTs na Periferia de São Mateus, Zona Leste de São Paulo. Também faz bolos e cupcakes nas horas vagas. Jovem Monitora Cultural da Casa de Cultura de São Mateus.

GABRIELLE LADEIRO



Gabrielle Ladeiro. 21 anos aprendendo que cada dia na vida nos faz desenvolver uma nova visão do mundo, se estivermos dispostos a olhar. Jovem Monitora Cultural no Teatro Leopoldo Fróes.



Retratos Urbanos

Valéria e Alex, com seu cachorro, Bumer, que foi vendido para eles a R\$ 2,00 por um usuário de crack da região do Vale do Paisandu, pediram para que eu revelasse a foto e a entregasse para eles. Duas semanas depois do registro, voltei com uma foto revelada para cada. Ficaram muito gratos, assim como também fiquei grato por essas novas três amizades.

Willian Marques. 28 anos, morador da Vila Jacuí, zona leste da cidade de São Paulo. Estudante de Audiovisual, apaixonado por fotografia, filmes, livros e esportes. Corintiano e canceriano, pois, sim, gostamos de sofrer. Jovem Monitor na Casa de Cultura São Miguel.



Ione Maria, paulistana de 22 primaveras. Atuante nas áreas de Artes Plásticas e Audiovisual, mulher negra. Trabalha principalmente com as técnicas de colagem, aquarela e bordado com foco na cultura e luta negra. A maior parte de sua produção se concentra em colagem no papel e também digital, divulgado pelo seu instagram como “@ionecollage”. Atualmente estuda licenciatura em Artes Visuais, e é militante no coletivo feminino de audiovisual “Nós, Madalenas.” Suas obras caminham na temática negra com intenção de empoderar e potencializar a (r)existência nos espaços. “Me reconhecer como mulher negra, foi a maior descoberta pessoal que tive. Influenciou nas minhas experiências, luta e vivência. E poder fortalecer isso com a minha arte potencializa toda minha caminhada como artista.” Jovem Monitora Cultural na Casa de Cultura Tremembé, Zona Norte.”



Ueliton dos Santos Alves. Bibliotecário formado na USP de Ribeirão Preto, lá começou a estudar o papel do bibliotecário como mediador cultural, a partir de então direciona seus estudos para o uso de tecnologias da informação e da comunicação como ferramentas de potencialização de atividades culturais. Dentro do universo dos estudos culturais aproxima-se de temáticas ligadas à economia criativa e colaboração, com isso passa a estudar temas ligados a financiamento coletivo e suas potencialidades para o setor cultural. Jovem Monitor Cultural na Cidadania Cultural da SMC.

TAUANI PASSOS SANTOS



Tauani Passos Santos. 22 anos, Pedagoga. Tem um trecho de uma música que me resume bem.

*Uma parte de mim é todo mundo,
outra parte é ninguém, fundo sem fundo.
Uma parte de mim é multidão,
outra parte estranheza e solidão.
Uma parte de mim pesa, pondera,
outra parte delíra...*
(Fagner- Traduzir-se)

Jovem Monitora Cultural na Casa de Cultura Palhaço Carequinha.



Andréia Cruz. Sou Andréia, mestre na arte de bolar...ideias. Tenho 26 anos e sou aquariana com ascendente em peixes!. Nasci na região do Jabaquara mais precisamente no bairro de Americanópolis, salve quebrada! Já fiz muita coisa da vida e na vida. Considerava-me atriz, pois só exercia o papel que me davam e já que a vida é este grande palco que “dá a possibilidade” de viver vários personagens, eu representei rs. Foi num projeto de artes visuais, chamado “Da Palavra à Imagem da Palavra”, oferecido pelo CEU Caminho Mar, onde eu encontrei o melhor papel da minha vida até então. Era um espaço novo, para o não-visto, não-lido, não-escutado, que se autorizava o brilho no olhar...a partir daí surgiu uma nova Andréia, com outras ideias. E como a vida é essa coisa louca mesmo, com os caminhos todos entrelaçados sutilmente, eu vim parar no PJMC, atuei na EMIA, que é uma escola de iniciação artística pra crianças, um lugar onde os sentidos das coisas mudam de sentido quando sentidos em outros sentidos...se lá no CEU eu ganhei o brilho no olhar, aqui...o Encantamento tomou conta, e eu poderia escrever uma saga sobre a minha jornada neste lugar, mas como é só pra fazer uma breve apresentação da minha persona, me despeço aqui com uma frase que eu acho que representa bem este cenário. “A utopia (pode existir) existe”. Jovem Monitora Cultural na EMIA.

JULIANA LA BELLA SIMONETTI



Juliana La Bella Simonetti. Mulher sorridente que está sempre atenta aos detalhes do cotidiano. Estudante de crítica e curadoria em arte, adora teatro, fotografia, música e amigos reunidos. Acredita em energias do universo e da natureza, em signos e em praga de mãe. Falando em signos, tem sol e ascendente em peixes. Cabeça na lua, braços nos ares e pontas dos pés no chão. Jovem Monitora Cultural no Teatro João Caetano.



Melissa Morita Borjkhani. Uma sonhadora, procurando seu lugar no mundo."Entenda os seus medos, mas jamais deixe que eles sufoquem os seus sonhos". Jovem Monitora Cultural no Teatro Arthur de Azevedo.

GABRIELA ALVIM

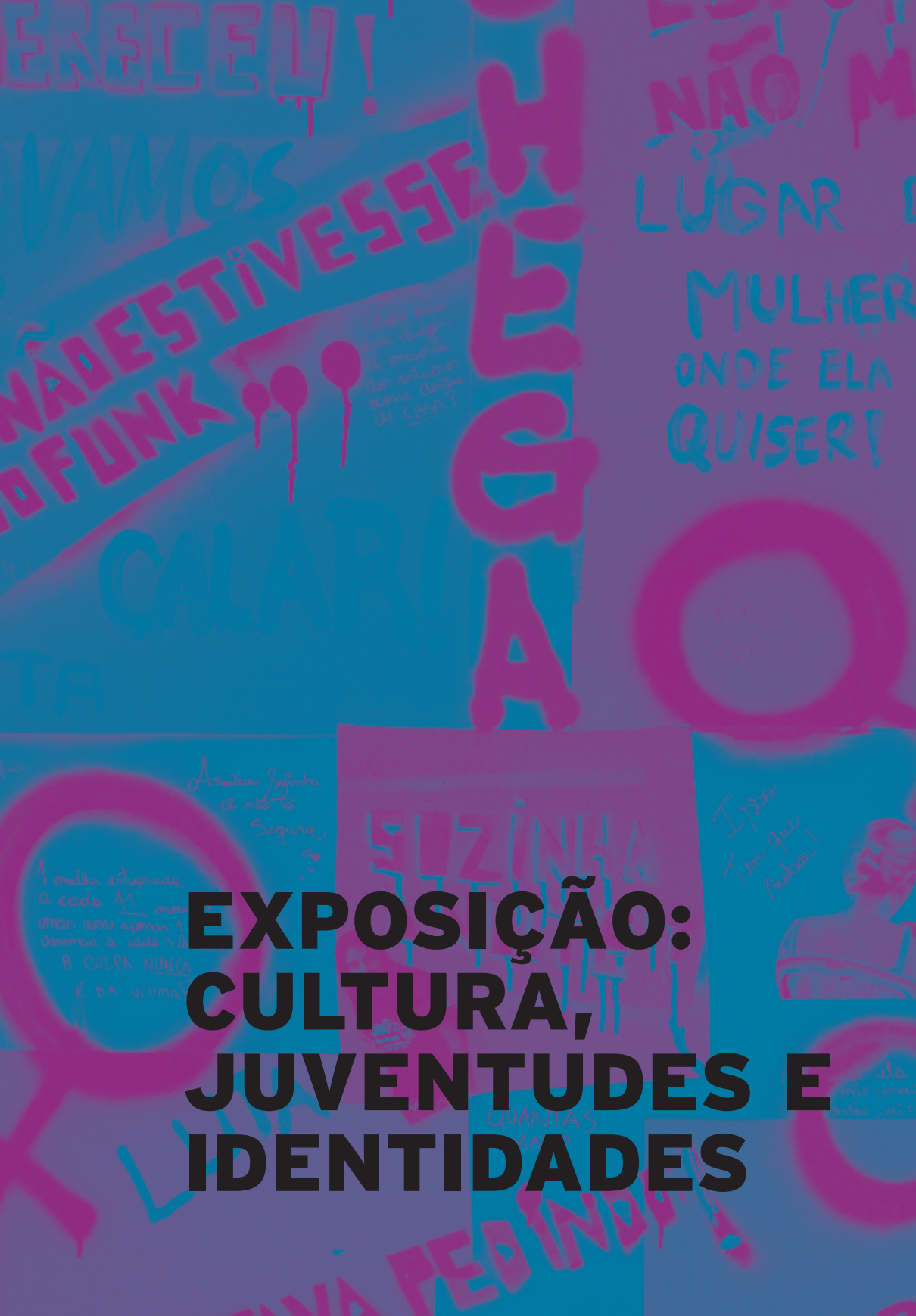


Gabriela Alvim. 19 anos, escorpiana e adora gatinhos. Estudante de psicologia e atriz. Nascida em São Paulo, morou durante 10 anos em Paranavaí-PR, onde estudou teatro e teve um envolvimento muito forte com o movimento cultural da cidade. Foi esse amor a arte que a moveu a se inscrever no PJMC. (PS: Se quiser me conhecer melhor é só ler as características do meu signo nesses sites de horóscopo, pois sou uma típica escorpiana.)". Jovem Monitora Cultural no Centro Cultural da Penha.

ANGELICA TAIZE SILVA (ANGEL)



Angelica Taize Silva (Angel). Tenho 26 anos. Típica aquariana de ideias loucas, faço Dança contemporânea e Teatro, porém sou mais atriz na vida que no palco. Nunca sei o que falar sobre mim, prefiro deixar aberto para cada um que se interessar me conhecer a sua maneira. Jovem Monitora no Centro Cultural Galeria Olido.



**EXPOSIÇÃO:
CULTURA,
JUVENTUDES E
IDENTIDADES**

Durante os meses de março a maio de 2016, por meio do Programa Jovem Monitor/a Cultural, jovens vivenciaram, criaram e refletiram produções diversas a partir do eixo formativo: Identidades e Juventudes na programação proposta pelo Instituto Pólis. Durante oficinas de linguagens artísticas e encontros semanais discutiram, artística e politicamente, questões identitárias, entre elas: racismo e o genocídio da população negra, feminicídio, epistemicídio, relações de gênero, feminismos, cultura LGBT, políticas afirmativas de juventude. A mostra expositiva dessas experiências foi revelada nessa exposição realizada no Centro Cultural da Juventude. Participaram desse processo, educadores/as e artistas como: Julia Francisca, Preta Rara, Allan da Rosa, Raul Zito, Andrio Candido, Ivy Souza, Leandro Franco Minervino, Mauricio Alexandre, entre outros.

Texto da equipe PJMC/Pólis

Produção de Jovens Artistas: Jovens Monitores/as do PJMC/Pólis.

Local: Centro Cultural da Juventude

Curadoria: Valter Nü e Edna Kátia Gaiardoni

Fotos da Exposição: Leandro Noronha da Fonseca









ANTENAS

MEU
CORPO
MINHAS
REGRAS

ESTUPRA MAS
NAO MATA

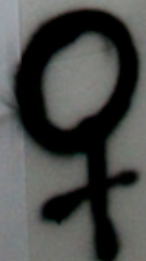
SE NAO ESTIVESSE
NO FUNK...

ESSA NGALUNDA
MERECEU



CHEGA

LUGAR DE MULHER É NA REVOLUÇÃO





CULTURA
DO
ESTUPRO



Depois de 1000 10 milhões de habitantes no Brasil, a
 população não consegue se organizar e 17, 20% da população
 não consegue pagar o aluguel e não consegue pagar o IPTU.

Ama do lotto
 Na rua Direita n. 44, bairro Massé,
 contrata-se uma para lavar, pagando-
 se muito bem semanalmente. 10-1

#CulturasNegrasEmMovimento

R...
 MEU...
 O...



VERMELHAR É VERMELHAR

PORQUE TEMOS QUE ACHAR
 QUE ISSO É NORMAL? SER PRETO,
 POBRE OU PRESO NÃO É CULTURAL
 TENTARAM NOS MATAR NA ESCRAVIDÃO
 E HOJE NOS ENCLAUSTRAM DENTRO
 DE UM CANGURU

VOCÊ ME OLHA TORTO ME MEDE COM
 CERTEZA.

PREFERE ME VER MORTO
 COM UM TIPO NA CABEÇA
 NÃO ADIANTA SÓ FALAR
 SE NÃO FOR PRA RESOLVER
 LEVANTA A BUNDA DO SOFÁ
 E DESLIGUE SUA TV
 ENTÃO FALAM QUE VIVEMOS NUMA
 DEMOCRACIA...
 ENTÃO ENTRE NA FAVELA PRA
 VER A HIPOCRISIA.

GU
ATÉ QUANDO? BASTA!
DEVOLVAM
ISCOLA!

n...
 Legalize...



A LUTA VAI



o

limites

dominio

Invisível

Medo

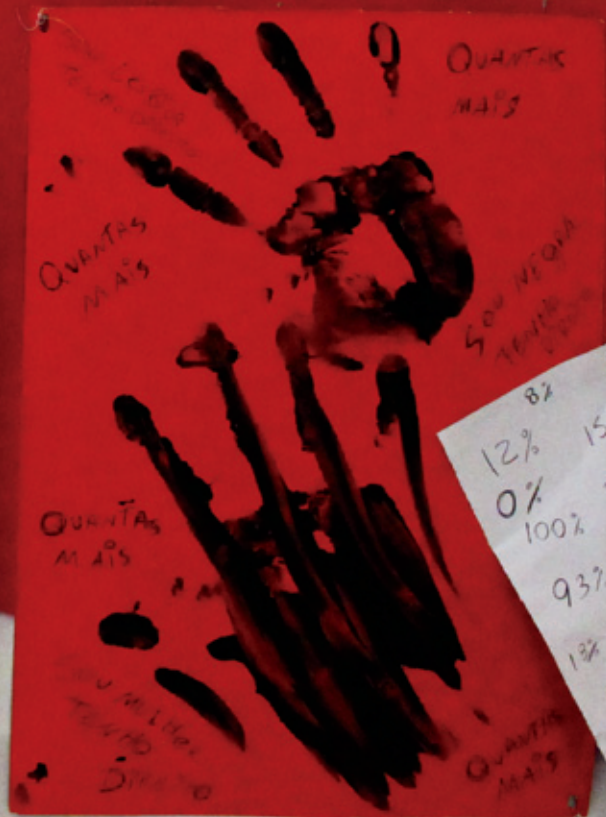
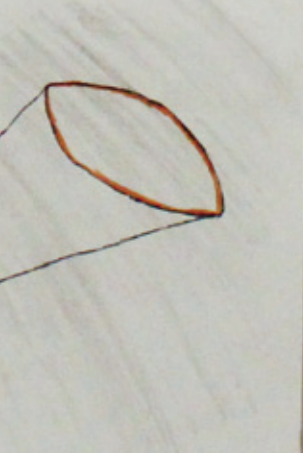
quanto's

mais

E

o que

REVE
GENO
i
110



QUANTAS
MAIS

QUANTAS
MAIS

500 milhões
tempo

QUANTAS
MAIS

QUANTAS
MAIS

12%	51%
0%	15%
100%	20%
93%	100%
13%	47%
22%	18%
74%	92%
100%	15%
100%	10%

No labirinto do cyber odio

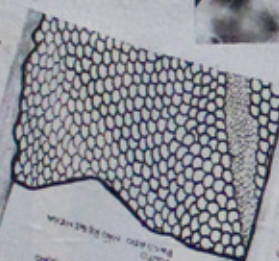
não terminou
OPRIS DA DESIGUALDADE



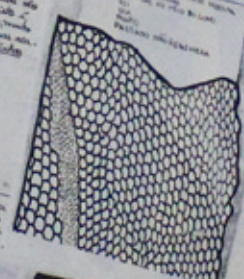
SIM



A CURA!



Um grande...
A maioria das coisas...
que limitam a liberdade...
social é a cor de quem...
fazem o branco e o preto...



... não em...
... não há...
... não há...
... não há...
... não há...

... não há...
... não há...
... não há...
... não há...
... não há...



undo

12%
0%
100%
93%
124 22 100

menter
leixes e
lica
nte!
veis enquanto
hier
S

É tempo de mudança
... que é importante manter...
... não é possível...
... não é possível...
... não é possível...



SIM



... não há...
... não há...
... não há...
... não há...
... não há...

o labirinto do cyber odio

... não há...
... não há...
... não há...
... não há...
... não há...

RJMC LGBT
Juventudes
FEMINISMOS CULTURAS RECONHE-
DESCONSTRUÇÃO NEGRAS CIMENTO





Equipe do Programa Jovem Monitor/a Cultural

Hamilton Faria Coordenador Geral

Bruna Mantese Coordenadora Executiva

Martha Lemos Coordenadora Pedagógica

Wanda Martins Coordenadora Administrativo-Financeira

Altair Moreira Assessor de Formação Teórica

Valmir de Souza Assessor de Formação Cultural

Leandro Noronha da Fonseca Assessor de Comunicação

Ana Paula Santana Correia Agente de Formação

Andreia Alves Assistente Administrativa

Beatriz Soares Benedito Agente de Formação

Dayane Rodrigues Agente de Formação

Iraci Oliveira Assitente Pedagógica

Janaina Santana Auxiliar de Articulação

Jandilson Vieira Agente de Formação

Keide Fernandes Assistente Administrativa

Laura Juliana dos Santos Agente de Formação

Luiz Barata Assessor

Marcelo Freitas Agente de Formação

Pollyanna Rocha Auxiliar de Formação

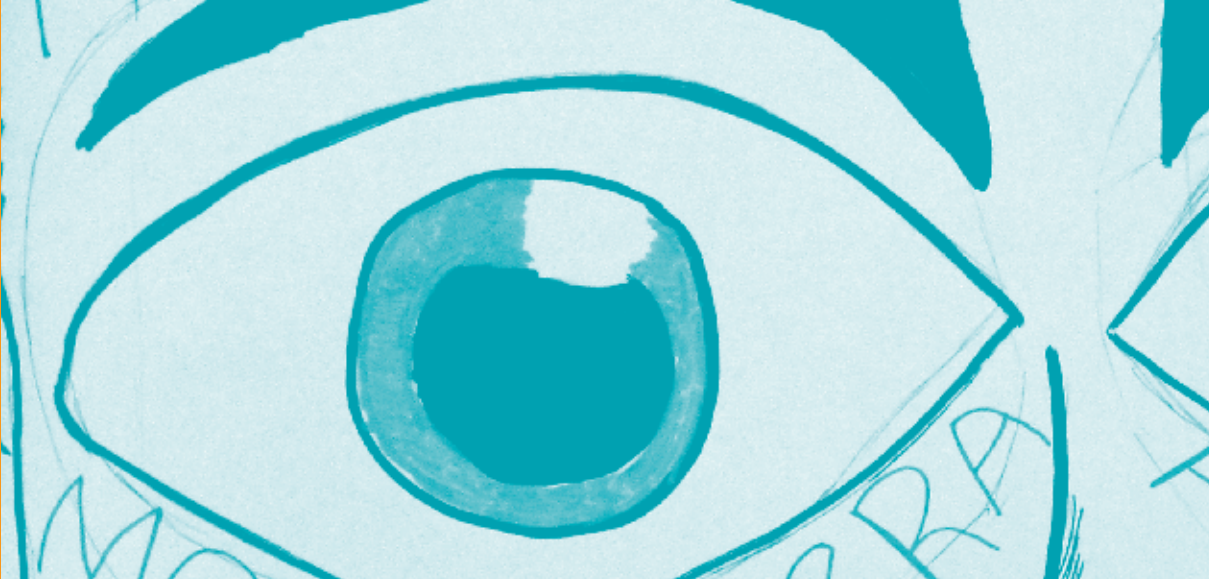
Wallace Augusto Nunes (Guto Nunes) Agente de Formação

Instituto Pólis

Fundado em 1987, o Instituto Pólis é uma Organização não Governamental de atuação nacional e internacional que atua na construção de cidades mais justas, democráticas e sustentáveis, por meio das seguintes áreas: Direito à Cidade e Reforma Urbana, Democracia e Participação, Inclusão e Sustentabilidade e Cidadania Cultural.

Para o fortalecimento da Cidadania Cultural, o Pólis trabalha com as culturas locais, as políticas de diversidade cultural e a interculturalidade; as práticas, metodologias e valores de convivência, não violência e cultura de paz; o trabalho em rede e a defesa da democratização da comunicação e das mídias livres. O Pólis propõe políticas públicas de cultura democrática que valorizem o desenvolvimento humano e solidário, a troca de experiências interculturais municipais e a democratização da gestão; o fortalecimento de coletivos, grupos e redes e iniciativas culturais inovadoras da sociedade civil – além de debater os desafios contemporâneos relacionados com as questões de gênero e étnico-raciais (principalmente contra o genocídio da população negra e pobre).

No que tange o Programa Jovem Monitor/a cultural, o Instituto Pólis tem o objetivo de contribuir para o fortalecimento da cidadania cultural na cidade de São Paulo, através da formação desses/as jovens, promovendo reflexões a respeito do direito à cidade, da cultura de paz, da convivência em espaços públicos, da gestão cultural, da intervenção no território, da cultura alimentar, do desenvolvimento cultural local, economia solidária da cultura, entre outros saberes. Nesse Programa, atua juntamente com o Centro Cultural da Juventude (CCJ), a Ação Educativa e com a Gestão da SMC/SP.



Realização



CATALOGAÇÃO NA FONTE

Pólis - Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais
Centro de Documentação e Informação

Instituto Pólis, Jovens Monitores/as Culturais
Escritos e Imaginários II / Valmir de Souza e Equipe PJMC, organizadores. -
São Paulo: Instituto Pólis, 2016. 128p.

ISBN 978-85-7561-078-7 (Publicação Impressa)

ISBN 978-85-7561-077-0 (Publicação Digitalizada)

1. Poesia. 2. Ação cultural. 3. Juventudes. 4. Políticas públicas. 5. Coleção de escritos variados. 6. Literatura brasileira. 7. Políticas culturais. 8. Grafite. 9. Fotografia.

I. Título. II. Projeto Jovem Monitor Cultural. III. Pólis - Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais.

CDD 808.88



O trabalho Escritos e Imaginários de Jovens Monitores/as Culturais está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional

Primeira edição Novembro de 2016

Tiragem 1.000 exemplares

Impressão Max Editora

Papel do miolo off set 90g/m² e couché fosco 115g/m²

Papel da capa cartão supremo alta alvura 250g/m²

Instituto Pólis

Rua Araújo, 124 - São Paulo/SP - Brasil - CEP 01220-020

www.polis.org.br